

Este documento compartilha registros e reflexões dos participantes das Oficinas de Sistematização CASA7 realizadas como parte integrante da Formação Pedagógica desenvolvida pelo FICAS e Fundação Tide Setubal. Inclui uma compilação das reflexões centrais destacadas pelo grupo acerca de suas práticas.

Formação Pedagógica

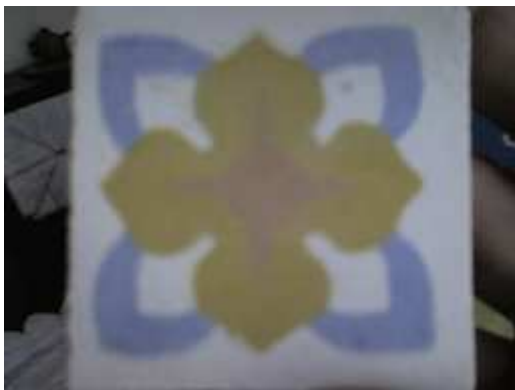
Realização:



Fundação Tide Setubal



Por um período de seis meses (de março a setembro de 2012) os 18 participantes, representando 10 organizações sociais da Zona Leste de São Paulo, passaram por um processo de formação teórico-prática em sistematização de práticas educativas, paralelamente às demais atividades da Formação Pedagógica - realizadas pelos FICAS. Durante este processo, além dos encontros, receberam orientação técnica on-line para levarem a cabo os seus registros e sínteses. Aqui a sistematização serviu como uma ferramenta para um processo organizado de reflexão sobre a prática. Esperamos que este documento inspire outros educadores a se engajarem em processos permanentes de registro, documentação e socialização das aprendizagens que derivam do fazer cotidiano.



A CASA7 - Memórias e Aprendizagens é uma organização sem fins lucrativos, fundada em 2006, com a missão de contribuir para o fortalecimento da prática social e de seus atores pela via da valorização e articulação das memórias, aprendizagens e conhecimentos que dela derivam.

Os Cadernos da Prática são publicações do Programa Compartilhe (www.casa7.org.br).

Organizações participantes

Participaram da formação 10 organizações dedicadas ao atendimento socioeducativo a crianças e adolescentes na Zona Leste de São Paulo selecionadas para a Formação Pedagógica 2012, da qual a formação em sistematização foi parte integrante:

Ação Comunitária São José Operário

Associação Brasileira de Educação e Cultura (ABEC) - Centro Social Marista

Associação Cultural, Educacional, Desportiva Projeto Acreditar

Associação Liga Leste das Escolas de Esportes e o Núcleo Reabilitar de Atenção Biopsicossocial (Liga Leste Reabilitar)

Centro de Juventude União Cidade Líder

Grêmio Recreativo Cultural Social Bloco De Samba Vamo Q Vamo

Instituto Pombas Urbanas

NUA - Nova União da Arte

Sociedade de Ensino Profissionalizante e de Assistência Social (SEPAS)

União Social Brasil Gigante



A formação

A formação consistiu em seis oficinas presenciais teórico-práticas, combinadas a tarefas no período entre oficinas destinadas à produção dos registros sobre as sequências didáticas de cada educador / assistente técnico / coordenador participante. O acompanhamento das tarefas foi realizado *on-line*, com leituras e devolutivas individuais.

O processo foi desenvolvido em etapas, coincidentes com os seis meses de realização do projeto. Trabalhamos na descrição das práticas (em forma de sequências didáticas que precisaram ser planejadas), no registro e documentação de suas etapas de desenvolvimento, posteriormente nas sínteses (aqui compartilhadas), e no levantamento de aprendizagens, de modo a produzir recomendações para os autores e para outros.

Na etapa final o grupo levantou as aprendizagens comuns - tanto derivadas da reflexão sobre a prática pedagógica quanto da formação e execução do processo de sistematização. Por fim, discutiu a importância de tornar a reflexão sobre a prática um processo permanente no dia-a-dia das organizações que se dedicam à educação.

Planejamento

Registro

Síntese

Reflexão

Organização	Nome	Cargo/Função
Ação Comunitária São José Operário	Ana Paula da S. Passos	Assistente Técnico
	Vanderlea Preto de Souza	Assistente Técnico
Associação Brasileira de Educação e Cultura (ABEC) - Centro Social Marista	Patrícia Aparecida P Silva	Assistente Pedagógico
	Telma de Jesus Fernandes	Educadora
Associação Cultural, Educacional, Desportiva Projeto Acreditar	Isabela Souza Silva	Educadora
Associação Liga Leste das Escolas de Esportes e o Núcleo Reabilitar de Atenção Biopsicossocial (Liga Leste Reabilitar)	Claudia de Souza Brito	Técnica - Psicóloga
	Selma de Souza B. Silva	Tesoureira
Centro para a Juventude União Cidade Líder	Fernanda Fuiza	Assistente Técnico
	Renata Pires de S. Matias	Gerente de Serviço
Grêmio Recreativo Cultural Social Bloco De Samba Vamo Q Vamo	Irineu Augusto de Souza Candido	Teseoureiro
Instituto Pombas Urbanas	Luara Sanches	Educadora
	Natali Santos	Arte-educadora
NUA – Nova União da Arte	Elieide Aparecida Miguel	Coordenadora
	Maria José Coutinho	Assistente técnico
Sociedade de Ensino Profissionalizante e de Assistência Social (SEPAS)	Elaine Cristina de Souza (CCA Pq. Paulista)	Assistente técnico
	Maria Jaqueline Santos (CCA Vila Itaim)	Assistente técnico
União Social Brasil Gigante	Marluce de Sousa Pereira	Técnica - Psicóloga
	Renata Patrícia Alves Santana	Técnica - Psicóloga

Os participantes

Os conteúdos de aprendizagem comuns

Os participantes destacaram em seus textos, e durante as atividades formativas, diversos aprendizados decorrentes do uso da sistematização como um dispositivo de reflexão sobre a prática. Atribuíram grande importância à experimentação desta metodologia e fizeram relações interessantes entre este processo e o aprimoramento de sua prática pedagógica, com destaque (1) para os instrumentos metodológicos e (2) para alguns temas e questões educativas e didáticas que fazem sentido para a maioria e que poderiam ser exploradas também coletivamente.

(1) Os instrumentos metodológicos

Planejamento

A importância do planejamento, as dificuldades na definição dos objetos de ensino e da didática, bem como do desenho da avaliação; as diferenças entre etapas e sequências didáticas; os roteiros para planejar; entre outras questões, ganharam força e possibilitaram reflexões sobre a intencionalidade educativa presente nas práticas.

Entre os desafios estão a falta de tempo para o planejamento no dia-a-dia das organizações e a necessidade de criar um planejamento flexível que sirva como instrumento de apoio para a prática educativa, mas que possa ser adaptado, refeito, em função as necessidades cotidianas.

A pauta de observação, o foco, o olhar

Ganha destaque a etapa diagnóstica, aqui compreendida para além do momento que precede o planejamento, mas também como um permanente olhar sobre a criança, jovem, educador, entorno social. É preciso perceber o que está acontecendo, com o olhar dirigido para as interações, as aprendizagens, os desafios tanto individuais como coletivos. Trata-se de aprender a ver, a conhecer, a refletir, a reavaliar de forma permanente.

Aprender a observar, orientados por uma pauta de observação, parece ter sido uma experiência interessante para grande parte do grupo. Destacam a postura observadora como essencial para a reflexão e o aprimoramento da prática, uma vez que permite aos autores da prática observar pequenos detalhes de sua prática que não conseguiam enxergar observando sua prática apenas do lado de “dentro”. Observar possibilita estar “dentro” e “fora”, permite notar padrões pré-definidos, avanços e desafios. No lugar de observador é possível ver detalhes importantes sobre a própria conduta e sobre a relação estabelecida entre educador, educando e a intencionalidade educativa.

Os conteúdos de aprendizagem

(1) Os instrumentos metodológicos (cont.)

O registro

Muitos participantes destacaram que em suas organizações não costumam registrar as atividades por escrito, guardando apenas na memória o que aconteceu. Na prática de registro proposta, descobrem o quanto a memória muda o tamanho das coisas (algumas aumentam, outras diminuem), sempre em relação às referências internas. Exercitar o registro escrito permitiu tomar a própria prática como objeto de análise, pesquisa e aprendizagem.

A reflexão

A sistematização foi destacada como um grande processo de “construção e desconstrução”. Aquilo que já era dado como certo foi revisto e aquilo que nunca tinha sido considerado foi incluído. Olhar para a própria prática como um objeto de estudo e para o conhecimento produzido como uma referência importante permitiu ao grupo avançar na reflexão. É deste modo que padrões são revelados, processos internos e externos são integrados, o que permite a experimentação de novos lugares, novas posturas.

Refletir sobre a prática possibilita exercitar novos questionamentos e assim ser levado a um lugar novo, um lugar do “não saber”, em que acertos e erros conduzem ao aprendizado. Neste lugar cada um é autor e, neste sentido, pode ser referência.

A descoberta da autoria e da possibilidade de ser referência foram pontos bastante destacados pelo grupo como aprendizados do processo de sistematização. A referência antes estava sempre fora, nos diversos autores que fundamentam a prática da organização. No processo de sistematização muitos participantes descobriram que podem também ser referência para si e para outros.

Os conteúdos de aprendizagem

(2) Alguns dos temas e questões comuns a serem tratados como conteúdos de aprendizagem

Envolvimento e participação do público-alvo

Em algumas das práticas registradas aparece uma reflexão importante sobre as escolhas metodológicas e suas relações com o envolvimento e participação dos jovens e, em alguns casos, de suas famílias quando elas são o alvo das ações. A escolha de conteúdos e/ou estratégias didáticas baseadas apenas na percepção dos educadores (sem dúvida fundamental), mas sem a participação do público-alvo demonstrou não ser efetiva. É pelo alinhamento de expectativas que transitamos da avaliação imediata de “falta de participação”, “os jovens não participam, não se interessam” ou “a família não tem interesse, chamamos mas eles não participam” para uma reflexão sobre o importância de olhar para desejos, necessidades e potencialidades do público alvo.

O aproveitamento de situações problema

É preciso e possível aproveitar os desafios, os problemas cotidianos como estratégia de aprendizagem. É deste modo que estimulamos o protagonismo dos jovens, considerando as demandas espontâneas que surgem no grupo para promover momentos de aprendizagem e mudanças de postura no grupo de jovens.

Os desafios de leitura e escrita dos jovens / papel das organizações

Como tratar do analfabetismo funcional, qual o papel das organizações, considerando que os projetos sociais não têm necessariamente o papel de reforço escolar, mas podem contribuir para minimizar esse problema tão constante e determinante no conjunto das ações educativas a serem propostas aos jovens.

As sínteses aqui apresentadas

Os textos a seguir são sínteses elaboradas pelos participantes e refletem seu engajamento no registro e reflexão de suas práticas. Compartilhá-los exige comprometimento, confiança e vontade de apoiar outros educadores, socializando questões e aprendizagens.

SUMÁRIO

- 1) Ação Comunitária São José Operário
- 2) Associação Brasileira de Educação e Cultura (ABEC) - Centro Social Marista
- 3) Associação Cultural, Educacional, Desportiva Projeto Acreditar
- 4) Associação Liga Leste das Escolas de Esportes e o Núcleo Reabilitar de Atenção Biopsicossocial (Liga Leste Reabilitar)
- 5) Centro de Juventude União Cidade Líder
- 6) Instituto Pombas Urbanas
- 7) Sociedade de Ensino Profissionalizante e de Assistência Social (SEPAS)
- 8) União Social Brasil Gigante
- 9) NUA - Nova União da Arte

1. Ação Comunitária São José Operário

A organização participou da formação com duas representantes, ambas assistentes técnicas: Ana Paula Passos e Vanderléa Preto de Souza. Ambas registraram práticas das quais participaram, apresentadas a seguir.

1.1. Projeto Alimentação e Higiene

Ana Paula da Silva Passos

A ideia deste trabalho foi exercitar o processo de registro e reflexão sobre a minha prática cotidiana na Organização Ação Comunitária São José Operário junto às crianças com as quais atuo como assistente técnica.

Contexto

A organização não governamental Ação Comunitária São José Operário, localiza-se na Rua Daniel Mongolo, 99 Conjunto José Bonifácio em Itaquera. Foi fundada em 9 de dezembro de 1983. No início o intuito era o de ajudar as crianças e adolescentes de família de alta vulnerabilidade social e resolver os problemas corriqueiros da comunidade como: saúde, desemprego, falta de iluminação pública, segurança, entre outros. Somando o esforço de todos, fomos alcançando grandes resultados para a nossa comunidade. Hoje ela é vista como uma entidade que contribui para a formação social da comunidade e mantém uma articulação permanente com o CRAS - Centro de Referência de Assistência Social de Itaquera, além da articulação com outras redes sócio assistenciais locais e políticas públicas setoriais. Temos uma parceria firmada (convênio) com a Prefeitura da Cidade de São Paulo - SMADS, desde dezembro de 1983 e tivemos o privilégio de sermos fortalecidos pelos parceiros: (CEMAS, Instituto Avisa Lá, Instituto Pão de Açúcar, SAS - Secretária Assistência Social, entre outros).

Todos esses fatores nos levaram ao crescimento. Hoje temos vários núcleos de atendimento como: CCA- Centro para Crianças e Adolescentes, CJ- Centro da Juventude, SASF - Serviço de Atendimento Social a Família em Domicílio, CEI- Centro de Educação Infantil.

O Projeto Alimentação e Higiene

Este projeto teve por objetivos: promover o consumo de alimentos saudáveis; transmitir conhecimentos básicos sobre culinária, possibilitando às crianças conhecerem os diversos tipos de alimentos e as vitaminas compostas em cada um deles, bem como as comidas típicas das diversas regiões; dar orientações sobre a importância da higiene bucal e corporal. Com vistas a contribuir para a promoção de saúde de uma forma atraente, lúdica e educativa, foram utilizados como estratégias para este trabalho: livros didáticos, filmes, exposição, construção de um mural e atividades lúdicas.

O projeto foi realizado durante seis meses com crianças de 06 a 09 anos de idade, atendidas pela Ação Comunitária São José Operário. A experiência aqui registrada se refere apenas a 1ª etapa do projeto, onde fui observadora. As atividades foram aplicadas pela orientadora Kátia.

Infelizmente, não pude estar presente em todas as atividades, mas espero que nas próximas etapas a serem desenvolvidas as crianças tenham um bom desempenho e saibam preparar a receita na prática (acompanhadas pelo orientador), sejam participativos nas visitas culturais e que cooperem na confecção do vídeo, cartazes, painéis. Além disso, que todos sejam colaboradores na confecção do Book.

O planejamento

A primeira etapa foi uma discussão promovida pela Gerente, Assistente e Orientadora Social para planejarmos de que forma iríamos trabalhar o projeto, após algumas reuniões elaboramos as atividades divididas por etapas de acordo com o mês a ser desenvolvido.

A sequência didática foi planejada para acontecer durante seis meses (de maio a outubro) com dois encontros semanais de duas horas com a turma (período da manhã e período da tarde), intercalando teoria e prática, totalizando quatro horas semanais. No mês de julho, devido às férias, não desenvolvemos o projeto, as atividades foram direcionadas à recreação, jogos, passeios e outros.

Estratégias

Diferente da estratégia de trabalho utilizada pela escola formal, trabalhamos por meio de projetos, o que acreditamos ser um ponto importante para que as crianças apresentem interesse pela leitura e escrita. As atividades relacionadas ao projeto são prazerosas, pois são as crianças que escolhem e elaboram as receitas com a ajuda do orientador e trocas

das mesmas com suas famílias. A reescrita é feita com mais prazer, pois não faz o papel da cópia, e a leitura é realizada pelo orientador. Além disso, foram realizadas atividades de *contação* de histórias e atividades paralelas, como cruzadinha, caça palavras, forca, complete a lacuna.

Conteúdos a serem abordados

- ❖ Hábitos alimentares
- ❖ Valor nutritivo das frutas, legumes, verduras, carnes, cereais, leite e seus derivados
- ❖ Hábitos de higiene e cuidados com o corpo
- ❖ Conteúdos de leitura e escrita

Etapas de desenvolvimento

1ª etapa (1º ao 4º encontro) - maio a junho

No primeiro encontro foi feita a apresentação do projeto em uma roda de conversa. Não pude estar presente neste dia, porém a orientadora me comunicou que as crianças gostaram da proposta e questionaram por várias vezes quando iria iniciar as atividades.

No dia seguinte iniciaram-se as atividades referentes ao projeto. Notei, durante o desenvolvimento das atividades em sala com as crianças, que elas apresentaram pouco conhecimento sobre os alimentos: conheciam alguns tipos de hortaliças, legumes, grãos, porém não sabiam de seus valores.

Em relação à higiene corporal a maioria apresentava conhecimentos satisfatórios sobre os cuidados com o corpo, citando alguns cuidados como: tomar banho, pentear, lavar e prender os cabelos para evitar o piolho (pediculose) e escovar os dentes. Após as citações das crianças, a orientadora começou a leitura do texto “*A importância da higiene*” e explicou sobre o suor, o uso do fio dental, higiene dos pés e mãos entre outros. As crianças ficaram surpresas com tantos cuidados que devemos ter com o nosso corpo.

A orientadora prosseguiu com a leitura do livro “Manual Prático para uma alimentação saudável” da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS - SP). Nesta atividade as crianças aprenderam sobre a prática alimentar, números de refeições diárias e a classificação dos alimentos. Após a explicação da orientadora, a mesma solicitou que, em grupo, localizassem em revistas alimentos (legumes, frutas, verduras) e dividissem por grupos (energéticos, construtores e reguladores) para a construção da pirâmide alimentar. Antes de colarem, desenharam a pirâmide na cartolina com as

classificações alimentares e cada um foi construindo parte da pirâmide. As crianças encontraram dificuldade no momento de colar os alimentos na pirâmide, mas com a intervenção da orientadora conseguiram concluir a atividade. No decorrer da atividade houve alguns questionamentos e perguntas sobre os alimentos e suas funcionalidade do nosso organismo, exemplo: Para que serve o carboidrato? O que o leite faz no nosso organismo?

A orientadora esclareceu todas as dúvidas, dizendo para a Gabriele que o leite é um dos maiores fornecedores de cálcio, mineral envolvido na formação dos ossos e dentes, e para Geovanna que o carboidrato é a maior fonte de energia para o organismo e pode ser encontrado no arroz, pão, massas e outros.

Não houve dificuldade para desenvolver as atividades, pois os conhecimentos que as crianças demonstraram não possuir puderam adquirir por meio da leitura, desenhos, ilustrações e outros. A orientadora conseguiu esclarecer todos os questionamentos de acordo com o texto desenvolvido em sala e também pelos exercícios das atividades paralelas (cruzadinhas, caça palavra), realizadas após o término da pirâmide.

Todos se integraram muito bem, com respeito uns aos outros, aguardando a sua vez quando precisavam perguntar algo e na também na troca de materiais utilizados na sala. Tudo foi muito significativo para eles, imagino que pelo fato de tomarem consciência de que a má alimentação pode levá-los a deficiência nutricional, podendo comprometer futuramente a saúde de cada um.

No 3º encontro foram entregues kits de higiene (escova dental, fio dental e creme dental). A orientadora fez uma roda de conversa na qual prestou orientações e demonstrou como é feita a escovação.

Foi feito um armário com divisórias para cada criança guardar o seu kit. A escovação é feita diariamente após a refeição.

Devido às férias escolares, no mês de junho não demos continuidade ao projeto, trabalhamos jogos de mesa, recreação, gincanas, esporte e passeios. Essas atividades responderam aos seguintes objetivos:

- ❖ Esportes: Estimular hábitos saudáveis; motivá-los da necessidade das práticas esportivas; trabalho em equipe; respeito ao adversário. Treino para campeonato no SESC Inter CCA'S.

- ❖ Jogos de Mesa: Estimular as crianças e adolescentes a manterem interação, participação coletiva, concentração nos jogos desenvolvendo o raciocínio e planejamentos estratégicos.
- ❖ Recreação: Estimular o desenvolvimento de competências colaborativas, tais como: planejamento em equipe, comunicação eficaz, liderança compartilhada, apoio mútuo, confiança, entre outras.
- ❖ Passeios: Ampliar o universo cultural e promover a autonomia, do acesso e da socialização com outros valores.

Próximas etapas

Ainda estão previstas as seguintes etapas de execução do projeto, divididas aqui de acordo com os meses correspondentes:

Mês: Agosto

- ❖ Artes em geral: vamos trabalhar a dança: Verde que te Quero Verde - Aline Barros e Salada de Fruta - Xuxa
- ❖ Dramatização: Ratinho Escovando os Dentes e Tomando Banho (Castelo Ra-Tim-Bum)
- ❖ Confecção de jogos (jogo da memória higiene, dominó dos alimentos, etc.)
- ❖ Trabalhar na prática as receitas que foram reescritas por eles na cozinha do CCA, com o acompanhamento de um orientador.

As danças e a dramatização serão divididas por grupos (turma da manhã e turma da tarde) do seguinte modo:

- ❖ Turma manhã: Dança - Verde que te Quero Verde e Dramatização - Ratinho tomando banho.
- ❖ Turma tarde: Dança - Salada de fruta - Xuxa e Dramatização - Ratinho escovando os Dentes.

Mês: Setembro

- ❖ Confeccionar Vídeo com a música de Arnaldo Antunes “Lavar as mãos”.
- ❖ Atividades paralelas.
- ❖ Ensaio uma vez por semana as danças e dramatização.

- ❖ Montagem dos encartes das visitas culturais.

Mês: Outubro

- ❖ Finalização do livro de receitas.
- ❖ Confeccção de um Book por turma sobre a alimentação e higiene onde será entregue para as famílias.
- ❖ Ensaio uma vez por semana as danças e dramatização

Mês: Novembro

- ❖ Apresentação (dança, dramatização) nas escolas de educação.

Mês: Dezembro

- ❖ Feira Cultural para expor os trabalhos das crianças realizados durante o projeto, aberto as famílias e comunidade.

Avaliação

A avaliação será realizada por meio de:

- ❖ Auto avaliação: reflexão para que as crianças analisem sua própria aprendizagem,
- ❖ Apresentação com máscaras: cada criança se caracteriza com uma fruta e explica suas utilidades, demonstrando assim os conhecimentos adquiridos,
- ❖ Registros no caderno diário do orientador, de forma continua, observando-se os seguintes critérios: interesse, assiduidade, higiene, realização das receitas sem desperdício de mercadorias, de forma criativa e zelosa.

Aprendizagens

No decorrer dessa formação acredito que dei um grande passo, pois só o fato de estar participando da formação pedagógica, significa muito, já que não sou orientadora social, mas a partir da formação estou aprendendo a trabalhar as questões pedagógicas e multiplicando para os orientadores. Percebi por meio dos registros a necessidade que tinham deste olhar.

Estive como observadora em sala, onde observei o desenvolvimento das atividades e percebi o quanto é importante a nossa orientação, para um bom desempenho, também a interferência do orientador social para que haja uma boa interação dos educandos, vi no olhar de todos a alegria de estar participando, cada um com sua criatividade e imaginação, mas sempre com os mesmos objetivos: realizar o produto final, saber desenhar, pintar reescrever, ler, etc. Realizei os pontos necessários para o andamento do projeto, junto às crianças do CCA, como as quais, atuo como assistente técnica. Com estas observações consegui, destacar aprendizagens que podem ser úteis para outros educadores com atuação similar.

A formação em relação ao desenvolvimento do projeto deste ano me deixou mais confiante e nos favoreceu muito na sistematização e na responsabilidade de cumprir o que se programou. Aprendi a avaliar os pontos positivos e os pontos que não deram certo pela participação dos educandos e pelas atividades propostas pelo orientador. Esse processo de aprendizagem se fez por meio da sistematização da prática e pela observação realizada em sala.

1.2. Projeto Agentes de Comunicação Social

Vanderléa Preto de Souza

Para a experiência de sistematização desenvolvida nas Oficinas CASA7 escolhemos o Projeto Agente de Comunicação Social, que foi desenvolvido com jovens de 15 a 23 anos, por um período de aproximadamente quatro meses, onde realizamos dois encontros semanais de duas horas, totalizando sessenta e quatro horas.

Contexto

José Bonifácio é um distrito situado na zona leste de São Paulo, na Sub Prefeitura de Itaquera. Um bairro predominantemente residencial, com uma grande quantidade de prédios populares (conjuntos residenciais). Por se tratar de uma região muito populosa, nem sempre a população tem clareza de seus direitos, e esse foi o nosso trabalho: comunicar com essa população.

O projeto foi desenvolvido por perceber que os jovens tinham pouco conhecimento da história do bairro e por acreditarmos que é de suma importância a comunicação, sendo que esta nem sempre é utilizada de maneira adequada, apesar de vivermos na “Era da Tecnologia”. Falamos aqui tanto da comunicação verbal escrita (livros, cartazes, cartas, telegramas, etc.) quanto da comunicação verbal oral (rádio, TV, telefone, etc.).

Este projeto foi elaborado a fim de colaborarmos para que os jovens se tornassem mais críticos e reflexivos como cidadãos, se conscientizassem de seu verdadeiro valor como cidadãos e do quanto podem contribuir para a formação da realidade de seu entorno.

Planejamento

Nosso primeiro passo foi o planejamento do trabalho. Escolhemos que trabalharíamos o passado e o presente, de modo que os jovens pudessem fazer um comparativo e refletir sobre o futuro do bairro, buscando estratégias para conscientizar a população e fazer contato com órgãos competentes, no sentido de contribuir e minimizar as problemáticas observadas.

Por meio deste trabalho planejamos abordar os seguintes conteúdos:

- ❖ História do Conjunto José Bonifácio
- ❖ Problemáticas do entorno;
- ❖ Comunicação verbal escrita;
- ❖ Comunicação verbal oral;
- ❖ Procedimentos de elaboração, edição e revisão de textos;
- ❖ Elaboração de um plano de ação.

Etapas desenvolvidas

Na primeira etapa solicitamos aos jovens que no caminho para a ONG visualizassem possíveis problemas do entorno para discussão em sala. Isto deu subsídios a uma discussão, a partir da qual foram selecionados os problemas. Os jovens foram então a campo para registro por meio de fotografias ou vídeos.

Fizemos uma caminhada na qual os jovens registraram por meio de fotos e escrita aquilo que era observado e escolhemos duas problemáticas relacionadas aos problemas que havíamos discutido anteriormente, que foram: (1) a situação do entorno da Estação José Bonifácio, onde há muito mato, lixo e alto número de assaltos e (2) a questão das drogas que predominam nossas praças, ruas e parques.

Seguem alguns dos registros fotográficos feitos pelos jovens:



ESTAÇÃO DE TREM JOSÉ BONIFÁCIO



CONSELHO TUTELAR

Imagens: arquivo São José Operário

A atividade teve uma ótima aceitação e despertou questionamentos nos jovens, tais como: *Como surgiu o bairro? Foi fundado em que ano? Qual o número da população? O que devemos fazer para melhoria de nosso bairro? A quem recorrer para levar as nossas reivindicações?*

Na segunda etapa (5º ao 8º encontro), de posse dos registros visuais, os jovens construíram um texto descritivo e legendas para as fotos, se preocupando em registrar as datas. Fizemos um bate-papo das problemáticas com nossos jovens, a partir daí elaboramos o questionário para ser realizado junto à população do entorno. No questionário havia perguntas como: nome, endereço, quanto tempo moram no bairro, se achavam que houve melhora no bairro.

Houve dificuldades na elaboração dos textos, muitos dos jovens se sentem constrangidos pelo fato de não saberem elaborar um texto. Como educadores, vemos a necessidade de cada um, sabemos que não podemos fazer o papel da escola, mas também não devemos fechar nossos olhos a isso, então os jovens escrevem e reescrevem de modo melhor, mas claro e enriquecendo seu vocabulário. O interesse dos jovens, que se veem como parte do projeto, fez a diferença e contribuiu para que o educador conduzisse e refletisse com os jovens as dificuldades da escrita e curiosidades diversas.

Na terceira etapa (9º ao 13º encontro) foram realizadas pesquisas para levantar informações a respeito do território e das problemáticas escolhidas: uma pesquisa junto à população mais antiga do bairro e um levantamento documental em bibliotecas (jornais e

revistas, coletânea de fotos ou documentos antigos). Por meio das fotos antigas e do registro fotográfico atual, realizado pelos jovens, estes puderam fazer um comparativo.

Foram muitos os questionamentos, o que entendemos como um sinal muito positivo. Os jovens foram em busca de materiais que amenizassem seus questionamentos. Foram à biblioteca, pesquisaram e até trouxeram para a ONG todo o material para apresentar aos demais amigos do curso. Como o tempo era restrito e a biblioteca fica um pouco distante da organização, não foi possível concluir a pesquisa num único dia. Assim, agendamos uma nova data para a conclusão da pesquisa. Fizemos a segunda visita à biblioteca e finalizamos o levantamento documental.

Para a pesquisa de campo, preparamos os nossos jovens e saímos pelo entorno com o questionário preparado pelos jovens (Anexo 1), canetas e pranchetas. O nosso público alvo foram os moradores mais antigos do bairro e destes foram entrevistados cerca de 10. Os jovens tiveram um papel muito importante nesta pesquisa, eles interagiram com os moradores, e se sentiram como repórteres questionadores.

O questionário tinha questões relativas à percepção dos moradores em relação ao bairro, investigando em especial se houve melhorias no bairro. Os entrevistados disseram que houve melhora como: o transporte público, saneamento básico, ruas asfaltadas, postos de saúde entre outros (vide exemplo - Anexo II). Entendemos que há ainda muito a fazer pelo nosso bairro, por exemplo, nos chamou a atenção a questão da limpeza e segurança do entorno estação de trem e do Conselho Tutelar. Para estas questões vamos buscar soluções mediante a próxima fase do projeto.

A partir da tabulação dos dados da pesquisa documental e de campo os jovens fizeram vários textos a respeito do assunto (vide exemplos - Anexos III e IV).

Do 14º ao 21º encontro - Após a pesquisa concluída, convidamos um profissional (advogado), que nos falou um pouco sobre a Constituição Federal Brasileira e nos orientou. A partir daí, vamos buscar soluções em órgãos competentes para nos ajudar a sanar ou amenizar os problemas do bairro.

Do 22º ao 26º encontro - Os jovens irão redigir um ofício aos órgãos competentes e elaborar uma palestra para a população do entorno. Mediante a explanação do profissional (advogado), redigimos um ofício ao qual levamos a Sub Prefeitura de Itaquera (Anexo V), e estamos aguardando ansiosos pelo resultado.

Avaliação

A avaliação foi realizada durante todo o desenvolvimento do projeto. Além do questionário aplicado, pudemos perceber em suas falas e postura como este projeto veio a contribuir,

pois hoje eles têm uma compreensão de texto melhor, tanto que estão elaborando a palestra e os slides a serem apresentados, como também suas contribuições. Enfim estamos aguardando ansiosamente o dia da palestra para podermos prestigia-los.


Aprendizagens

Educador e educandos neste projeto tiveram a oportunidade de se aprimorarem quanto a:

- *Sistematização de um trabalho: como planejar as atividades, como ela se organiza, como aconteceu, como registrar, como documentar, a pratica das etapas, os avanços, os desafios.*
- *Trabalho em equipe: a importância de saber trabalhar em equipe é fundamental para todos, em virtude de que, o trabalho em equipe sempre beneficiará a todos, fazendo assim, que o sucesso, os objetivos e as amizades, sejam sempre alcançados.*
- *Descobertas de habilidades: as habilidades enfocam atributos relacionados não apenas ao saber-conhecer, mas também ao saber-fazer, saber-conviver e ao saber ser.*
- *Perceber o seu bairro: ao perceber o bairro, os jovens puderam fazer um comparativo do ontem e do hoje e buscaram estratégias no sentido de melhoria para as problemáticas do entorno.*
- *Tornaram-se leitores e escritores bem melhores: durante todo o projeto os jovens leram vários artigos sobre o bairro, escreveram e reescreveram textos para a aprimorar a escrita.*
- *Perceberam a importância de desenvolver capacidades, de focar o olhar, perceber e compartilhar aprendizagens. Durante todo o nosso projeto o nosso planejamento teve que ser revisto a cada etapa em decorrência dos conhecimentos dos jovens, as articulações e aprimoramentos em que as atividades eram realizadas.*

Anexo I - Exemplo de questionário preenchido

E-mail: centrodajuventude@saol.com.br



UM GRANDE PASSO PARA O FUTURO.

QUESTIONÁRIO

NOME Leucivaldo Veloso

IDADE 63 anos SEXO M.

ENDEREÇO Rua Virgínia F. P.

QUANTO TEMPO MORA NO BAIRRO? 37 anos

VOCÊ ACHA QUE TEVE MELHORA NO BAIRRO? Sim

QUAIS? Asfalto das ruas, jardins, mercados.

O QUE PRECISA MELHORAR? Suprir as ruas, asfalto, as escolas, a iluminação, dragagem.

Anexo II - Exemplo de texto elaborado por educando

12107Kc12

Mensagem da Comunidade

Relatório

Correio e comentários e veja tantas coisas que tenho no Bairro e se as coisas também melhoraram, mas importante preservar muitas coisas desagradáveis, como:

garas doçados, mais atendimento nos postos de saúde, escolas e muitas outras.


Moramos aqui em um bairro organizado, hoje em dia a população tem acesso até mesmo de comentários alguns fatos que acontecem no Bairro.

Mas também queremos saber sobre a infraestrutura, transporte público entre outros.

Comunidade Brasileira de São Paulo

Anexo III - Ofício encaminhado à Subprefeitura de Itaquera

AGÃO COMUNITÁRIA SÃO JOSÉ OPERÁRIO
 C.N.P.J. 53.494.994/01-99
 Rua Daniel Mongolo, Nº. 99 - Conj. José Bonifácio,
 CEP. 08250-580 - TEL.: / Fax: 2079-2969/2205-7385
 E-mail: centrodajuventude@saol.com.br



UM GRANDE PASSO PARA O FUTURO

São Paulo, Agosto de 2012.

À SUBPREFEITURA DE ITAQUERA

Venho por meio deste solicitar em conjunto com os jovens do Centro para Juventude São José Operário, a limpeza do entorno da estação de trem José Bonifácio e Conselho Tutelar localizada Av. Nairó Farah Maluf, 1531, no qual o espaço está com muito lixo em seus arredores, propiciando a proliferação de roedores e assaltos aos usuários do trem.

Desde já agradecemos pela atenção!

Maria de Lourdes de Paula Dell'Orti
 Gerente - GJ

Maria de Lourdes de Paula Dell'Orti
 Gerente - GJ
 C.R.P. Nº 00018481
 AGÃO COMUNITÁRIA SÃO JOSÉ OPERÁRIO

2. Associação Brasileira de Educação e Cultura (ABEC) - Centro Social Marista Irmão Justino

2.1. Roda Viva: formação continuada, uma reflexão coletiva

Patrícia Aparecida Pio Silva

Introdução

A proposta do projeto iniciou-se em 2011 durante a escrita do plano de ação de 2012 para o Centro Social Marista Ir. Justino. Com base nas orientações encaminhadas pela DEAS (Diretoria Executiva de Ação Social), propusemos uma intervenção junto aos educadores e educandos, respeitando os momentos de formações específicas e Inter geracionais.

O período de duração é de 12 meses, articulando as ações com o projeto educacional para o Serviço de Apoio Sócio Educativo do Centro Social Marista Ir. Justino. As ações estão previstas para acontecer no decorrer do ano em espaços do Grupo Marista e também em espaços externos que contribuam para a formação e ampliação do conhecimento prévio dos educadores e educandos.

O projeto tem como intenção caminhar na perspectiva da conversa e das rodas, intensificando o respeito e o trabalho coletivo desenvolvido pelos educadores e educandos, compreendendo que em alguns momentos a formação pode ser coletiva.

A proposta da metodologia da roda possibilita ao grupo o fortalecimento das relações, nenhum participante tem o status de superioridade e inferioridade, toda a ideia tem contribuição válida. Todos podem se olhar e se escutar, incluímos todos e todas respeitando a diversidade, como o fato de redescobrir e compartilhar as questões humanas.

É nesta perspectiva que realizamos a escuta dos educadores do Serviço de Apoio Socioeducativo, com a intencionalidade de aprimorar e resgatar os momentos de formação com um olhar mais cuidadoso e respeitoso às necessidades do grupo. Sabemos o quanto é difícil atender as necessidades individuais dos colaboradores envolvidos neste processo,

mas propomos uma ação contínua e coletiva de formação, tentando nos aproximar das reais expectativas do grupo de educadores e das orientações institucionais.

A gestão estratégica e compartilhada do projeto implica a vivência da reflexão crítica coletiva e continuada, ou seja, uma atitude permanente de avaliação das políticas e práticas institucionais, considerando o dinamismo do contexto contemporâneo. (União Marista do Brasil, 2010, 101)

Descrição

A proposta é desenvolvida com os educadores e, para algumas temáticas em particular, conta com a participação de alguns educandos. Levando em conta as temáticas voltadas para aspectos pedagógicos e juvenis, contemplando os educadores e educandos.

Possibilitando aos educadores momentos de formação com espaços tempos diferenciados e dialógicos, contribuindo para a autonomia em momentos de escrita, implementação, monitoramento e avaliação dos projetos desenvolvidos. Sendo esperado que ao final os educadores possam, de forma sistêmica, através da escuta das devolutivas dos educandos documentar, observar os registros e do desenvolvimento do projeto com os educandos.

Registro da prática

A prática registrada aqui se refere a um encontro de educadores do qual eu participei do planejamento: priorização do tema, escolha do formador, definição da agenda, etc. Na execução da atividade participei pontualmente de momentos de divisão de grupos e apoio às atividades.

Encontro Regional em Campinas-SP (15/06/2012)

O Encontro tinha como proposta a formação dos educadores dos três Centros Sociais (Ir. Justino, Ir. Lourenço e Ir. Rui), abordando a temática “Desafios e Possibilidades da Contemporaneidade”.

O momento de formação continuada¹ entre os Centros Sociais sempre é muito importante e significativo para os educadores, desta forma a organização dos materiais para a exposição iniciou-se uma semana antes. Cada educador separou as suas produções e as dos educandos para levar e dividir com os demais educadores.

¹ Formação Continuada do Grupo Marista é definida pelo contexto da sua atuação orientada no e para o Projeto Educativo do Brasil Marista.

Reunimo-nos às 06h00 no Centro Social Ir. Lourenço, na Vila Progresso, para irmos até Campinas nos encontrar com os demais educadores e recebermos a formação. Chegamos a tempo hábil para expor os materiais e tomar café coletivamente, posteriormente reunimo-nos na sala principal para a espiritualização.

Este momento foi preparado pelo Centro Social Ir. Justino, o qual utilizou da dinâmica do trem para acolher e integrar os educadores, a atividade tinha como objetivo o caminhar de todos juntos, articulando os tatames para favorecer o movimento até pontos pré-determinados com cones que eram nomeados: famílias, educandos, colaboradores e comunidade.

Posteriormente, o Formador Fábio conduziu a atividade, realizando a apresentação de todos destacando a função no Centro Social. Ele escutou e foi chamando as pessoas para constituírem pequenos grupos. Fez a escuta das necessidades do grupo, sendo apresentados os seguintes apontamentos:

- ❖ Demandas X Desafios
- ❖ Questões burocráticas (relatórios, atas, videoconferência, Skype e e-mails) X atendimento
- ❖ Como lidar com educandos com tanta violação de direitos;
- ❖ Sujeito e objeto de direito
- ❖ Burocracia: o que precisa fazer e o que devemos fazer?

Depois realizou uma dinâmica sobre a data de nascimento de todos os participantes. Nesta atividade, os educadores colocaram a data de nascimento em um papel e, depois, dispuseram no chão, construindo uma linha do tempo. O formador deu continuidade solicitando datas importantes para a temática das infâncias.

Como estratégia correlacionou as experiências pessoais com a mudança histórica do olhar da sociedade para as crianças e adolescentes. Sendo apontadas pelo grupo datas como:

1924 - Declaração de Genebra

1927 - Promulgação Código do Menor;

1939 - Reforma constitucional Estado Novo

1941 - SAM Serviço de Atendimento ao Menor;

1948 - Declaração Universal dos Direitos Humanos;

1959 - Declaração Universal dos Direitos das Crianças;

- 1963 - Mudanças do código do menor
- 1964 - Golpe Militar- PNBEM- Política Nacional do Bem Estar do Menor;
- 1985 - Diretas Já
- 1988 - Constituição Federal
- 1989 - CDC - Norma e princípio - convenção dos direitos das crianças
- 1990 - ECA - Estatuto da Criança e Adolescente (destacou que é um modelo de sociedade que queremos para as nossas crianças e adolescentes.)
- 1993 - LOAS - Lei Orgânica da Assistência Social;
- 1996 - LDB - Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional;
- 2004 - Política Nacional da Assistência Social
- 2006 - SINASE
- 2007 - Política nacional de Convivência Familiar e Comunitária;
- 2009 - Lei da Adoção;
- 2010 - Direitos Humanos - adequação
- 2012 - SINAVE - revisão de valores

Neste exercício, o grupo e o formador contemplaram a linha construída e caminharam entre os momentos importantes da história das crianças e jovens, bem como suas relações com outras áreas (educação e assistência social).

Em seguida, o formador provocou o grupo com a questão: “Como encantamos os educandos e educandas?”. Aconteceram alguns relatos, mas o interessante foi a convocação de três educadores para improvisarem uma atividade. Neste instante, o grupo, sem combinação prévia, decidiu representar educandos que atendem. Durante a atividade, um educador relatou que a proposta não tinha sido clara, pois mediar com as crianças é diferente de mediar com adultos. Saímos então para o almoço. Durante o almoço, mesmo com a possibilidade de integração, percebemos que os grupos não se misturaram, talvez pela formação nova de algumas equipes. Após o almoço, antes de retornarem as atividades de formação, foi realizada uma dinâmica de integração com música e dança.

No retorno, o formador trabalhou com alguns verbos e provocou a reflexão a respeito da nossa atuação ser “para o educando” ou “com o educando”. Fez referências a Paulo Freire, com a Pedagogia Libertadora e à possibilidade de fazer escolhas, dando sentido e intencionalidade. Questionou o grupo sobre “O que podemos fazer para mudar o outro?”.

Abordou a relação “adolescente X punição”, destacando que ela não educa. Exemplificou com a quebra de um vidro e a consequência de não ir ao passeio. Problematizou: “Qual seria a relação? Causalidade existe para o adolescente?”. O grupo participou do debate com exemplos e possibilidades de ações junto às famílias, crianças e jovens. Mesmo com boas provocações o grupo aparentou ter ficado com algumas inquietações ou com a necessidade de aprofundar mais.

Para finalizar realizamos uma ciranda e cantamos juntos algumas músicas relacionadas à ciranda da nossa época de criança.

As aprendizagens

Desde que entrei na instituição, foi a primeira possibilidade de participar de um Encontro Regional com o Serviço de Apoio Socioeducativo. Destacamos que as aprendizagens durante o momento de Formação foram diversas, desde a possibilidade de integração entre os Centros Sociais, até a escuta das experiências uns dos outros.

Refletir coletivamente sobre os nossos desafios enquanto educadores sociais é uma possibilidade rica e valiosa, podendo contribuir para novos olhares e caminhos da educação.

Os momentos de reflexão são importantes para que possamos repensar os próximos encontros e articular formações que atendam às reais necessidades dos educadores, respeitando a realidade com a qual lidamos.

2.2. Projeto de Meio Ambiente

Telma de Jesus Fernandes

Introdução

A ideia da atividade foi possibilitar aos educandos e famílias um processo de integração e conscientização no que se refere ao reuso de material reciclável e cuidados com a natureza.

Optei pela sequência didática de uma atividade atrelada a um projeto maior: “Meio ambiente é o lugar onde Estou”, que é desenvolvido diretamente com dois grupos do

Serviço de Apoio Socioeducativo (SASE) e que envolve educandos da faixa etária de 8 a 11 anos, mas busca mobilizar em suas ações todo o Centro Social.

Num primeiro momento, o Projeto contemplou conteúdos referentes às questões da natureza de forma mais ampla abordando conteúdos emergentes e atuais no propósito de estreitar os objetivos estabelecidos. Os grupos tiveram a oportunidade de trazer à discussão questões emergentes tais como: Aquecimento Global, Poluição, Consciência Planetária, Sustentabilidade, Reciclagem e Reaproveitamento de materiais.

As atividades passaram então a ser pensadas na perspectiva de multiplicar ações, já que se pretende criar possibilidades de contribuição para o processo de preservação, reconhecimento e identificação do meio no qual os educandos estão inseridos, mais especificamente o bairro de União de Vila Nova, mas ampliar também para famílias e envolvidos.

Etapas de desenvolvimento

A sequência didática foi planejada para acontecer em cinco momentos contanto com as seguintes participações:

- 1- Exposição dos projetos de vida dos educandos;
- 2- Apresentação de Teatro, Música e Desenho com o tema “O lixo e a humanidade” (em grupos)
- 3- Semeadura de sementes: *Linária marrocana* e Margaridas Amarelas;
- 4- Confeção de objeto utilitário com material reciclável (Vasos de Pet);
- 5- Plantação das mudas nos vasos (famílias e educandos), na festa a ser realizada no Centro Social.

Primeira etapa

Na primeira etapa, foi realizada com os grupos uma roda de conversa para que pudessem refletir sobre os registros de seus projetos de vida (atividade registrada com figuras e escrita, já realizada em outro momento). O trabalho sugeriu itens tais como: família, escola, Centro Social, consumo e comportamento. Com base no destaque quantitativo que se apresentou no item consumo, propus um debate sobre produção de resíduos.

Nas atividades relacionadas à primeira etapa, os educandos tiveram a oportunidade de ser ouvidos uns pelos outros. Os projetos de vida já estavam prontos, neste segundo momento direcionamos a partilha das discussões.

Em relação ao consumo, muitos destacaram itens que desejam adquirir foram as mais citadas. Houve então a necessidade de minha intervenção para que o grupo se atentasse ao consumismo desenfreado do qual todos somos submetidos. Para instigar ainda mais o grupo a respeito do assunto, foram trazidas à roda as propagandas que mais chamam a atenção, destacando o modo muitas vezes absurdo de a mídia nos fazer acreditar que precisamos consumir muito para sermos felizes ou melhor do que somos.

Houve boa participação por parte do grupo. A TV é um atrativo a que todos têm acesso, o que pode ter ajudado. Na ansiedade em se colocar, fica claro que uma dificuldade que ainda precisa ser superada é o exercício da escuta, já que em diversas ocasiões é preciso a intervenção para que a atenção do grupo se volte para aquele que está com a palavra.

Registro de observação Telma de Jesus Fernandes - junho de 2012

Aproveitando o evento da Páscoa realizamos uma atividade com os educandos utilizando a data como disparador, focando no exemplo do consumo do Ovo de Chocolate. Um ovo foi despido lentamente frente ao grupo e fomos analisando cada item que compõe a embalagem separadamente, desde o cabide para ovos, a fita acetinada, a etiqueta, o celofane metalizado o papel alumínio, até outros itens como o suporte e os brinquedos. A observação possibilitou diálogo acerca de conceitos de reciclagem, reaproveitamento e reutilização de materiais.

Alguns educandos já traziam algum conhecimento sobre o tem. No entanto, todos se surpreendem para algo ainda não pensado: “Quanto lixo acumulou num simples desembalar de ovo de chocolate!”. Trouxeram algumas contribuições quanto à partilha, como o consumo exagerado, já que muitos mencionaram a quantidade de ovos que ganharam de seus parentes e de outras fontes. Muitas dúvidas foram aparecendo com relação ao que é ou não reciclável e os jovens demonstraram se empenhar na busca de alternativas de reuso dos materiais.

A preocupação com o meio ambiente e sua preservação é sempre uma preocupação dos adolescentes. Assim a atividade foi mostrou-se significativa para o grupo, possibilitando o levantamento de muitas questões que o envolvem, além do que contribuiu para alimentar o sentimento de partilha que, simbolicamente foi representada no momento com o chocolate.

Registro de observação Telma de Jesus Fernandes - junho de 2012

Segunda etapa

A segunda etapa tomou duas aulas para conclusão das atividades. Divididos em três grupos, cada equipe deveria, com base nas discussões do encontro anterior, realizar uma apresentação para os demais nos seguintes formatos: teatro, música ou desenho. Todas as apresentações deveriam trazer em sua essência o mesmo tema “O lixo e a humanidade” e o tempo de apresentação era de 20 minutos.

Os grupos caminharam da seguinte forma:

- O grupo responsável pelo teatro prontamente se retirou da sala para combinar qual seria a cena a apresentar.
- O grupo responsável pela música foi o que apresentou maior dificuldade em concluir a atividade, pois deveria escrever uma música, escolher uma melodia, rimar palavras sem sair do contexto e isto exigiu um pouco do grupo. A eles o recurso foi oferecer um material de apoio, um livro que com o conteúdo pudesse auxiliá-los a inspirarem-se. A partir daí começaram a escrever algo pensando na melodia de uma música tema de novela.
- O grupo responsável pelo desenho esboçou com capricho um belíssimo jardim para o Centro Social. Desenharam cerquinha de garrafas, e plantas num suposto jardim que, segundo eles todos passariam a ser cuidadores. O desenho foi exposto e a ideia está em aberto.

A interação e envolvimento foram bastante positivos. No entanto, as discussões mostraram que chegar a um consenso demandou um tempo maior que o esperado. A dificuldade de ouvir o outro é aparente nos momentos em que muitos querem se expor ao mesmo tempo, acabando muitas vezes por desrespeitar o colega que também deseja participar, contribuir. Apesar disso, a atividade foi concluída e os grupos demonstraram grande habilidade no improviso, na criação. Prepararam-se e realizaram suas apresentações uns para os outros.

A atividade de expor o trabalho possibilitou um grande desafio para os educandos mais tímidos e que não se recusaram em participar. Notei que o próprio grupo delega um papel sem muito destaque para esses integrantes.

Terceira etapa

No terceiro momento os educandos plantaram sementes para gerar mudas. Na ocasião da festa, as famílias seriam convidadas a vivenciarem tal experiência junto aos seus filhos; transportariam as mudas para os vasinhos confeccionados e decorados pelas crianças.

A terceira etapa foi fantástica. Todos se empenharam em plantar as sementes para gerar as mudas para os responsáveis transportá-las no momento oportuno para os vasinhos confeccionados pelos educandos. Tínhamos no Centro Social vários pratos-base de vasos e os utilizamos para plantar as sementes.

Durante essa fase das atividades apenas um dos educandos do grupo 2, o educando recusou-se em fazer a atividade. Ele justificou-se, dizendo que a mãe não merecia o presente por ter batido nele. Nesse momento como que em chuva de ideias os colegas começaram a aconselhá-lo no intuito reverter a sua opinião. Intervindo junto ao grupo, conversamos sobre o amor, a correção, a responsabilidade dos pais sobre os filhos e oferecemos ajuda perguntando a ele se gostaria que o grupo o ajudasse de alguma forma, porém ele não aceito. Sua participação neste momento foi centrada em ajudar com regador, com o transporte de terra e organização dos materiais utilizados.

Registro de observação Telma de Jesus Fernandes - junho de 2012

Quarta etapa

Na quarta etapa o grupo iniciou a confecção dos vasos de Pet. Quando eu trouxe a proposta desse trabalho aos jovens, no dia seguinte, vários educandos levaram garrafas Pet ao Centro Social. Sempre que uma atividade propõe construção e plantação, os educandos acabam se envolvendo nas ações. Não foi diferente, pelo menos até chegar à última fase do processo.

Além do grupo, todo o Centro Social se mobilizou para conseguir número suficiente de garrafas, pois a ideia era receber as famílias na festa a elas destinada, seria esta a quinta e última etapa da sequência.

Já com uma quantidade razoável de garrafas PET, iniciamos a confecção dos vasinhos. Em primeira instância solicitamos garrafas lisas (Dolly), mas muitas outras garrafas foram aparecendo, então o grupo sugeriu que fizéssemos outros modelos de vasinhos. Assim, uma diversidade de modelos foi sendo criada.

Nas aulas destinadas à confecção o grupo se dividiu em equipes de produção: seleção e higienização das garrafas, confecção dos vasos e decoração dos vasos com tinta e ou durex colorido.

As produções foram sendo organizadas na sala aguardando ansiosamente o dia da Festa das Famílias onde se faria o término dos trabalhos. Nesta fase os educandos já tinham clareza do intuito das ações, como demonstra uma das falas naquele momento:

A gente tá usando garrafa que poderia tá dentro do rio, poluindo o meio ambiente e depois dando enchente e o lixo vem para as casas! (Samuel - 10 anos)

Quinta etapa

A quinta etapa foi a realização da festa para as famílias, para a qual planejamos oficinas e atividades diversificadas. Todo o Centro Social, incluindo não só o SASE, como também a Educação Infantil e responsáveis de todos os atendidos - foi convidado a participar da Festa das Famílias. No caso do SASE, o planejado era que cada educador promoveria uma oficina com os participantes separados por grupo.

Diferente do planejado, o número de presentes no evento não atingiu o esperado e, em razão disto, o número de oficinas foi reduzido. Esta situação trouxe desafios para mim e para o grupo.

Os educandos presentes que haviam participado do processo logo começaram a questionar o que seria feito a respeito, se não mais levariam as mudas para casa. Os orientei, dizendo que a atividade seria concluída por eles mesmos, e os vasos avulsos contemplariam as famílias dos colegas dos demais grupos.

E dessa forma foi feito, na aula seguinte todos colocaram a “mão na massa”, transportaram as mudas para os devidos vasos e dividiram com os educandos dos demais grupos.

Para a conclusão da 5ª Etapa os próprios educandos se comprometeram em passar as mudas dos pratos para os vasilhinhos, ficaram com os seus respectivos vasos e levaram os demais nas salas para que fossem divididos também entre os colegas de outros grupos. Conversamos um pouco sobre os cuidados básicos para com as mudinhas e dúvidas foram surgindo, como: Devo regar todos os dias? Ela gosta de Sol?

Para responder a essas questões no encontro seguinte nos dirigimos ao laboratório de informática, onde os educandos pesquisaram e anotaram no Diário de Bordo tudo o que julgaram importante saber sobre Linária Marroccana e Margaridas Amarelas.

Trecho do Registro de observação Telma de Jesus Fernandes - junho de 2012

Aprendizagens

A Festa foi marcada em uma data pós-feriado e final de semana, talvez tenha sido este o motivo de o número de participantes não ter atingido o esperado. Dessa forma, se fôssemos realizar essa sequência didática novamente, imaginamos que um novo planejamento exija:

- Levantamento de datas que atendam a expectativa, atentando aos feriados e/ou eventos que possam atrapalhar a presença da maioria;*
- Verificação por meio dos educandos de quais responsáveis estariam disponíveis a participar;*
- Envio de questionário prévio às famílias no intuito de perceber o nível de interesse.*

3. Associação Cultural, Educacional, Desportiva Projeto Acreditar

Compartilhando aprendizagens

Isabela Souza Silva

Este trabalho faz parte do processo de formação pedagógica, realizado CASA7 Memórias e Aprendizagens, juntamente com a Fundação Tide Setúbal em parceria com o FICAS, e tem por objetivo registrar e refletir a prática que obtive juntamente com as crianças que acompanho no desenvolvimento social e educativo na Associação Acreditar. No decorrer desta tarefa é destacado o que pode ser útil, como aprendizado, para outros educadores com uma atuação parecida.

A Associação Cultural, Educacional, Desportiva Projeto Acreditar foi criada há dez anos pela iniciativa de duas holandesas Hanna e Ruth, com o Pastor Neto (que ainda está presente). O projeto conta com a aceitação e apoio da comunidade, residente do bairro União de Vila Nova, São Miguel Paulista. Temos parceiros como a Igreja Evangélica Betesda - Itaquera (SP), a Organização holandesa-brasileira *Children Asking*, além de termos parceiros no próprio bairro como a padaria e o açougue, além de pessoas físicas (padrinhos). Estou na fundação há um ano, enviada pela organização *Children Asking* para ajuda no desenvolvimento do projeto. Na associação contamos com o atendimento de 80 crianças, 40 por período, de 6-15 anos.

Esta sequência didática registrada nas oficinas CASA7 foi escolhida a partir da parceria que temos com a Organização *Children Asking* e com o programa PEDE (Programa Educacional de Desenvolvimento Escolar), que foi desenvolvido para crianças de 6 a 12 anos. Neste processo atuei como educadora.

Reforço escolar

O objetivo foi auxiliar a criança no desenvolvimento e assimilação escolar, pois vimos que os educandos estavam com muitas dificuldades escolares, sendo que tinham até alunos que estavam repetindo o ano, ou ficando para recuperação.

Num primeiro momento então planejamos a divisão das turmas, que foi feita através de uma atividade pré-programada abordando a escrita (português) e leitura matemática. Escolhemos três turmas, pois este é o número de educadores disponíveis para a aplicação do projeto. Após esta atividade “classificatória” realizamos as seguintes etapas:

- ❖ Trabalhamos (educadores) mensalmente uma disciplina escolar específica, a cada terça-feira.
- ❖ Cada educador planejou sua aula, especificamente para sua faixa etária, semanalmente.
- ❖ Vimos o desenvolvimento de cada turma buscando equilibrar os alunos. Equilibrar no sentido de conhecimento, mas também de idade, por causa do desenvolvimento social.

Neste projeto, como foi citado, temos a parceria com a Organização *Children Asking* e utilizamos o material pedagógico confeccionado por eles, que é composto por apostilas das disciplinas escolares (Português, Matemática, Artes, Geografia, História, Educação Cristã, Brincadeiras e Jogos e Leitura). O programa pedagógico consiste em aprender fazendo atividades práticas, diferenciando da didática escolar tradicional, com atividades, cruzadinhas, jogo da memória, entre outros.

Etapas de desenvolvimento

As atividades referentes ao projeto de REFORÇO ESCOLAR já estavam sendo desenvolvidas. Os registros que fiz (abaixo) são relativos a duas etapas de desenvolvimento na minha turma de 9 a 11 anos de idade.

Primeiro Registro

Com as turmas divididas em três grupos começamos o desenvolvimento da atividade. Neste dia adotamos um caça palavras de matemática. Nesta atividade, foram passadas sete contas matemáticas de adição. O resultado de cada uma delas deveria ser encontrado, o número por extenso, no caça-palavras.

Vimos que quando eles recebem atenção individual eles conseguem desenvolver muito bem a atividade. Muitos reclamam que não fazem nenhum esforço para aprender na escola, pois não recebem atenção dos professores! Eles se interessam pelos exercícios/atividades que traz desafios para eles.

Todos se envolveram e tiveram ótima participação. Alguns pelo fato de saberem bastante sobre o assunto foram rápidos. Incentivei assim, a poderem ajudar os outros que estavam com dificuldades, os que ainda não haviam terminado, sentando ao lado e auxiliando. Eles possuem muita dificuldade, para trabalharem em grupo. Mas estão começando a desenvolver esta habilidade, se integrando.

Considerava que praticamente todos teriam extrema dificuldade. Mas não foi assim. Conduzi de forma tranquila, e prática. Quando começaram a surgir muitas dúvidas, meio que fiquei nervosa, mas me controlei e procurei reconhecer a dificuldade de cada um. Frente às facilidades me surpreendi e gostei muito. Instiguei mais a criatividade fazendo com que os educandos procurassem pintar, trazer “mais vida” e capricho para seu caderno. Deveria ter organizado melhor o material necessário, pois faltou lápis para todos. Nisso tive de sair, aí ficou mais difícil, pois deveria ter me programado com material a mais e/ou suficiente para todos os educandos.

Vejo que seria importante termos o acesso às cópias das atividades, pois mesmo sendo bom para desenvolvimento cognitivo economizaríamos tempo, podendo aplicar melhor em atenção pessoal a cada educando. Além disso, é sempre importante ter preparado todo o material para não deixar os educandos sozinhos.

Segundo Registro

Na terça-feira, 29 de maio de 2012, começamos a atividade com todas as crianças reunidas, cerca de doze crianças. Sempre as dividimos em três turmas conforme a idade, porém, como estava chovendo muitas crianças não vieram, então reunimos as que estavam presentes no mesmo ambiente.

Havíamos planejado dar a atividade de artes para eles. A atividade era MONOTIPIA, uma técnica artística de impressão, de cópia, muito simples. Para isso reuni o material que era tinta guache preta, azulejo, folhas de sulfite branca, rolo de pintura (para espalhar a tinta).

Esclarecemos sobre o que seria a atividade e todos se sentaram para começarmos. Um educador preparou para a primeira “obra de arte”. Colocou o jornal sobre a mesa para não sujá-la, depois colocou o azulejo sobre ele e colou tinta guache sobre o azulejo

espalhando-a com o rolo de pintura. Todos queriam ser os primeiros. Eu escolhi uma criança para começar a atividade, de acordo com o combinado de que o educador escolheria alguém para começar, sendo que este educando deveria demonstrar compreensão e calma para esperar sua vez.

A criança foi requisitada a fazer um desenho utilizando seu dedo, mas seu desenho deveria ser algo espontâneo, “o que viesse à mente”. Todas as crianças olhavam esperando qual seria o desenho de seu colega de classe. A criança desenhou uma montanha, uma árvore e o sol.

Todos ficaram ainda mais agitados, quando me viram colocar sobre o desenho a folha de sulfite, e passar delicadamente a mão e retirar cuidadosamente a folha que estava com o desenho da criança.

Assim se seguiu a atividade, com todas as crianças fazendo seus desenhos. Algumas tiveram dificuldade, por relatarem que não sabiam desenhar. Com isso conversamos com elas, que elas só precisavam desenhar o que viesse a mente, não tendo por base comparação, ou o não saber desenhar. O importante é tentar. Assim todas acabaram fazendo a atividade e demonstraram que aprovaram os seus desenhos, pois estavam mostrando para seus amigos qual era e como estava bonito seus desenhos.

Após as folhas serem trabalhadas, foram todas postas sobre uma mesa maior para que pudessem secar. E víamos as crianças indo ver os seus próprios desenhos e dos seus colegas. Logo os desenhos secaram. E antes de terminarmos o trabalho de desenhar sobre o azulejo com as crianças, já pude entregar o desenho, de quem já havia feito, para que pudessem pintar os espaços em branco com lápis de cor, pois os desenhos já haviam secado.

Elas, então, foram se sentar sobre outra mesa, para poderem pintar. E quando a última criança fez seu desenho, procurei confirmar se faltava mais alguém, e uma criança nos disse: “Sim, vocês, tios.”. Logo, com esta INTIMAÇÃO, fomos obrigados a desenhar também. Ficamos felizes com esta “intimação”, pois prova como eles têm abertura de conversa e como eles nos vêem como parceiros no trabalho.

Ao terminarmos ficamos todos vistoriando e auxiliando na etapa deles pintarem os desenhos. Ao concluírem colocaram novamente em cima da mesa, que havia sido usada para secar os desenhos anteriormente.

Vimos a MONOTIPIA como algo aplicável ao reforço escolar, por ser uma técnica diferente. Ela estimulou o aprendizado, a coordenação motora, o lado sensitivo das crianças, por

poderem tocar na tinta, no azulejo. Estimulou a criatividade, tanto para fazer o desenho, quanto para pintar depois.



Monotipia, feito pelos educadores



Educando finalizando a tarefa

Aprendizagens

No decorrer deste projeto, que ainda continuará em funcionamento, vimos que a parceria com a CASA7, nos possibilitou enxergar alguns pontos que foram muito relevantes para mim. Como, que foi muito claro que precisávamos ter pegado mais firme com relação ao planejamento das atividades, mesmo elas estando prontas e serem exercícios simples a serem passados. Estas atividades devem ser planejadas, e bem descritas, passo-a-passo, pois assim iríamos nos prevenir quanto a imprevisto, por exemplo, de falta de material necessário para o desenvolvimento da atividade, o que gera desconforto para o educador e educando.

Além disso, iria propor um rodízio de educadores para as turmas, à medida que mudavam de disciplina. Pois as crianças teriam a oportunidade de ver o rodízio trazendo técnicas e estilos diferentes, pois cada educador tem seu estilo característico. Pois vemos que as crianças também pedem isto para terem contato com outros educadores e suas maneiras de desenvolvimento didático.

E como lidamos com crianças, quanto mais a atividade envolver movimentos, objetos (físicos, palpáveis), desafios, mais eles se animam e trazem a disciplina para o seu cotidiano. Vendo sua aplicabilidade saindo do papel para a prática. Vimos que quanto mais as formas de aprendizado se diferem da escola, abordagem do lúdico, e quanto mais meche com o lado sensitivo, criativo, cognitivo e movimento, mais o educando se interessa e aprende.

4. Associação Liga Leste das Escolas de Esportes e Núcleo Reabilitar de Atenção Biopsicossocial - Liga Leste Reabilitar

A prática esportiva na Liga Leste Reabilitar

Selma de Souza B. Silva

O contexto

A Associação Liga Leste - Reabilitar tem por objetivo ensinar aos jovens as técnicas e práticas de futebol, proporcionando o seu desenvolvimento social, através da prática esportiva, atividades culturais e educacionais. Atuo na organização sempre no papel de observadora e colaboradora e é a partir dessa ótica que elaboro os registros e as reflexões aqui apresentadas.

O projeto que escolhi como foco para o processo de sistematização tem como objetivo preparar as crianças e adolescentes de 8 a 17 anos para o esporte, transmitindo valores como a fraternidade e proporcionando melhor qualidade de vida nas seguintes dimensões: corpo, mente e social.

A descrição da prática

A primeira tarefa foi demonstrar passo a passo a prática esportiva. Esta prática é realizada em cinco etapas dentro de espaço cedido à organização:

- ❖ Anúncio da disponibilidade de vagas.
- ❖ Chegada dos jovens à organização.
- ❖ Seleção dos jovens.
- ❖ Apresentação do que oferece a organização, além do futebol.
- ❖ Integração dos jovens.

Na primeira etapa, é feito anúncio através do site da organização, informando a disponibilidade de vagas que são abertas todo início de ano, já que os jovens mudam de categoria. No anúncio é informado o dia e horário de comparecimento para cada faixa etária.

Na segunda etapa, os jovens inscritos são recebidos na organização por um coordenador que trabalha auxiliando o educador. Os jovens são apresentados ao Educador e a outros jovens, que já estão no projeto. O educador mostra o local de treino (vestiários e dependências) e então fala dos treinos, destacando o que é oferecido a eles para que aprendam a prática do esporte e explicando que todos os educadores são devidamente qualificados, formados em educação física. Diz o que espera deles: que é muito importante o trabalho em equipe e que o aproveitamento vai depender do esforço e talento de cada um.

Na terceira etapa, o educador explica as razões da seleção, destacando sua função, que é devido a não haver condições até o momento de acolher todos os que desejam fazer parte do projeto, uma vez que não há datas, nem horários suficientes e, ainda sofrerem com a limitação de espaço. Ele segue dizendo que a ordem, a disciplina, a dedicação, o esforço e a habilidade serão pontos importantes para a escolha dos jovens que serão contemplados com vagas.

Dá início aos treinos de seleção, no qual ensina aos jovens como se posicionarem em quadra e faz uma análise da melhor posição para cada um. Neste momento, os jovens são ouvidos quanto ao que eles sabem sobre a técnica e quanto à posição que desejam ocupar. Durante os treinos de seleção, os garotos aprendem como dominar a bola, chutar, conduzir as jogadas, marcar o adversário e como defender.

A observação dos jogos pela equipe - por um período de 15 dias - serve para que seja feita a seleção dos alunos. Após este período, os garotos que não apresentam evolução, interesse, espírito de equipe ou nenhuma habilidade com a bola são dispensados para uma nova oportunidade ou, se preferirem, podem até treinar em outras modalidades oferecidas pela própria organização, como artes marciais.

Na quarta etapa, é feita a integração dos jovens. É apresentado o trabalho da organização, no qual se destacam os seguintes pontos: as oportunidades existentes; as outras modalidades oferecidas; cursos de informática; as palestras (como prevenção ao uso de drogas); eventos (festas dia das crianças, natal, festas juninas, encontros familiares e jogos); a parceria com a prefeitura no "telecentro", no qual podem utilizar internet para trabalhos escolares, pesquisas e até jogos; a importância da participação da família nos jogos, nos eventos e em tudo que a organização faz; as viagens que fazem para jogar fora em outras cidades e fora do estado; e como a organização se mobiliza em busca de parcerias, recursos e colaboradores, que são todos voluntários, fazendo este trabalho porque gostam. Também é destacada a possibilidade de serem chamados para treinarem em times de renome e ressaltado que isto depende do esforço, da dedicação e da

habilidade de cada um, de saber aproveitar as oportunidades, de serem humildes e do espírito de equipe, saber perder e tirar proveito disso, buscando melhorar, pois o saudável é saber competir.

Na quinta etapa começam os treinos com as equipes formadas, divididas em categorias com horários e dias marcados, de forma a não atrapalhar os horários de estudo dos jovens. Os treinos são realizados de segunda à sexta-feira, das 14h00 às 21h00, alternados por categoria. As categorias são divididas por faixa etária do seguinte modo:

sub.17 (de 16 a 17 anos)

sub.15 (de 14 a 15 anos)

sub.13 (de 12 a 13 anos)

sub.11 (de 10 a 11 anos)

sub.09 (de 08 a 09 anos)

As aprendizagens

Do nosso trabalho com jovens - estes cheios de sonhos, desejos e medos - há muitos prazeres e também muitos desafios. Muitas vezes é complicado e difícil lidar com as perdas (derrotas) e, até mesmo nas vitórias, manter a equipe equilibrada, humilde, perseverante, otimista e manter o espírito de equipe sempre. Por outro lado, o que nos impulsiona, o que nos gratifica, é ver estes jovens dedicando-se, participando, unindo-se, criando vínculos de amizade, esforçando-se, crescendo e desenvolvendo-se ao longo dos anos. A maior gratificação é ver que alguns ficam após completarem 18 anos, ajudando no projeto, por acreditarem neste trabalho. É bom vê-los neste ambiente saudável, familiar, longe do mundo das drogas.

Ao refletir sobre a prática aqui apresentada e sobre o trabalho da organização, o que eu faria de diferente seria trabalhar com mais dedicação para ampliar o espaço, dar oportunidade para todos que procuram a organização, sem a necessidade de selecionar. Alguns desafios sobre os quais também refleti são: a necessidade de buscar mais parcerias e recursos; aumentar os cursos; preparar melhor e com qualidade estes jovens para o mercado de trabalho; trazer a família e a comunidade com mais frequência para as atividades da organização, de forma que atuem como parceiros e não só como beneficiários do que já oferecemos; fazer dessa organização um núcleo familiar e de lazer, enfim, fazer a diferença na vida destes jovens, famílias e comunidade.

5. Centro Para Juventude União Cidade Líder

Projeto Aprendiz

Fernanda Fiúza

Renata de S. Pires Matias

O intuito deste trabalho foi exercitar as práticas de registro e reflexão sobre o trabalho que efetuamos com adolescentes de 15 a 18 anos no Centro para Juventude União Cidade Líder. O CJ é um espaço de convivência que oferece cursos de informática, manutenção de micro, oficinas de orientação profissional, espanhol, dança e artesanato, sendo todas as atividades pautadas na orientação sócio educativa.

Tomando por base o Projeto Aprendiz - projeto dentro da temática de Orientação Profissional - registramos uma sequência didática e surgiu então nosso ponto principal de aprendizagem. Trataremos aqui da prática educativa desenvolvida a partir de uma situação problema que ocorreu no grupo de educandos e que poderá servir de apoio a educadores que vivenciam situação semelhante.

Em Orientação Profissional trabalham-se temas relevantes que contribuam para a inserção do jovem no mundo do trabalho, tratando de assuntos como postura, currículo, sonho profissional, habilidades e aptidões, entre outros. Faz parte da grade anual de atividades e a cada mês um tema é desenvolvido em forma de projeto.

O Projeto Aprendiz, que faz parte de Orientação Profissional, tem por objetivo promover vivências relacionadas ao trabalho, utilizando o próprio Centro para Juventude como instrumento de experimentação.

Neste projeto, toda terça-feira trabalha-se Orientação Profissional com os jovens (currículo, postura, dinâmicas de grupo, entrevistas, etc.) e na última terça do mês é feita uma seleção entre os jovens para escolher o Aprendiz do mês. O jovem selecionado, seguindo um cronograma preestabelecido, acompanha a rotina dos funcionários como auxiliar podendo assim compreender a rotina do trabalho. Fizemos uma experiência em 2011 e o projeto funcionou tão bem que passou a fazer parte da rotina de atividades por proporcionar experimentação e ter aderência por parte dos jovens. Além dessas vivências,

todos jovens são responsáveis por organizar eventos do projeto, divididos por comissões (som, fotografia, decoração, recepção).

Uma situação problema

Foi este projeto o escolhido para ser objeto da reflexão que faríamos durante as oficinas de formação e sobre o qual realizamos as primeiras etapas da sistematização. Entretanto, em um dos eventos organizados pelos jovens (Almoço de dia das mães) ocorreu o sumiço de uma câmera fotográfica. Tomamos a prática educativa desenvolvida em torno desta situação como foco da sistematização. A aprendizagem desse instrumental será baseada neste fato que teve um impacto maior no grupo e proporcionou momentos de reflexão e práticas com o olhar voltado para o desafio e não somente para o problema em si.

Dado o fato, numa roda de conversa pedimos aos jovens sugestões de solução para o problema. Alguns disseram que a comissão responsável pela fotografia deveria pagar outra câmera, mas a maioria disse que deveriam resolver juntos. Nós, educadores, reforçamos que todos utilizam os recursos do CJ e a perda também seria de todos. A partir daí, algumas ideias surgiram: venda de pães de mel, rifa, bingo, venderem balas.

Houve uma festa numa igreja próxima ao CJ e cinco jovens se prontificaram a levar pães de mel e venderem. Os pães foram confeccionados com a ajuda dos garotos que haviam participado de uma oficina de culinária no mês de abril, em comemoração à Páscoa.

Uma mãe, sabendo da situação foi até o CJ conversar com a gerente e se prontificando a organizar um bingo com produtos de beleza e parte do valor seria revertida para a compra da câmera. Enfatizou a importância de cobrar responsabilidade dos jovens e disse que gostaria de colaborar. Sugeriu que cada jovem comprasse um bingo para ajudar, mas como o nosso papel é incluí-los não levamos adiante essa sugestão. Apresentamos a ideia aos jovens numa reunião e todos toparam participar do evento e ajudar a organizá-lo.

No dia do Bingo (um domingo) somente 25 jovens participaram, sendo que atendemos 60 jovens nos dois períodos. Esses jovens, porém, ajudaram na organização, no atendimento aos participantes, na venda de salgados e refrigerantes e na limpeza do espaço no final. Na segunda-feira chamamos todos os jovens para uma conversa e questionamos a falta da maioria e falamos da importância do comprometimento na resolução da situação-problema. Percebemos que por ter sido num domingo a participação não foi satisfatória por terem outros compromissos.

As duas ações arrecadaram um total de R\$ 230,00 que não foram suficientes para cobrir o valor da câmera, de aproximadamente R\$ 500,00.

O presidente da Entidade propôs então que se os jovens fizessem a pintura dos muros, doaria uma câmera nova para o projeto. Essa pintura está sendo feita e o envolvimento dos jovens está satisfatório, já que uma média de 40 jovens está participando dessa pintura e já estão em processo de finalização.

Compartilhando aprendizagens

Com essa situação pudemos perceber que oportunidades de trabalhar em equipe, resolução de conflito, responsabilidade, além de reflexões não podem ser desperdiçadas. Seria muito mais simples repor a câmera e proibi-los de utilizar com liberdade, porém dessa forma estaríamos “culpabilizando” o grupo por algo que possivelmente foi feito por um jovem. Com essas ações passamos para os jovens a responsabilidade de solucionar o problema pelo fato de todos serem prejudicadas e não culpados pelo ato.

A organização tem como base teórica “Os Quatro Pilares de Jaques Delors” e percebeu nesse problema a oportunidade de trabalhar questões relacionadas a aprender a conviver, aprender a ser, já que nessa situação é necessário que haja tolerância com o outro, evitar fazer julgamentos e, principalmente, trabalhar em equipe. Esta postura possibilita que os jovens reflitam sobre o ocorrido e se percebam no fazer, já que as ações foram propostas e executadas por eles mesmos.

Aproveitar as demandas para trabalhar aprendizagens tem sido uma estratégia muito utilizada no CJ União, pois percebemos que faz mais sentido para os jovens quando a construção da reflexão e do conhecimento parte de algo real e vivenciado por eles. Ao invés de olharmos somente o problema em si, perceber as chances de construção a partir disso é o que fortalece o nosso trabalho. Os jovens se mostram cada vez mais envolvidos com as atividades e mesmo que o início dessa prática educativa tenha sido uma situação conflituosa, o caminho para resolvê-la foi de aprendizagens e contamos com o bom humor e dinamismo típicos do grupo. Essas vivências marcam a história dos jovens e mostram alternativas saudáveis para transformar problemas em oportunidades de aprendizado.

6. Instituto Pombas Urbanas

Participaram da formação CASA7 três representantes do Instituto que optaram por registrar uma única prática por considerarem de grande relevância para a organização e para o seu aprendizado como educadores.

Projeto “Canto das Letras”

*Luara Sanches
Natali Santos
Rodrigo Arrais*

O Projeto “Canto das Letras” desenvolvido pelo Instituto Pombas Urbanas tem por objetivo principal criar relações de cooperação entre jovens, adolescentes e crianças do bairro para que possam vivenciar um processo de aprendizado coletivo e humanizador com a promoção da leitura e da escrita por meio da prática artística. Nasceu a partir da percepção de que muitas crianças que frequentavam o Instituto apresentavam dificuldades de leitura e escrita. Para reverter esta situação, o projeto desenvolve ações como as turmas de “Letramento com Arte”, um processo educativo integrado com vivências artísticas com crianças de 3ª e 4ª séries do bairro, os “Fuxiqueiros”, um coletivo de jovens capacitados como agentes de leitura que montam espetáculos teatrais baseados em histórias de livros infantis que são apresentados no Centro Cultural e em escolas parceiras. As apresentações beneficiam por mês cerca de 160 crianças moradoras do bairro Cidade Tiradentes. Dentro do projeto são oferecidos cursos de circo e teatro com objetivo de incentivo à leitura e escrita.

Em 2011, além das turmas de circo e teatro, através de parceria com a EMEF Maurício Goulart iniciamos um processo de letramento com arte com crianças que faziam parte do PIC (Projeto Intensivo no Ciclo I). Periodicamente, são realizadas atividades de integração entre essas turmas. No início do primeiro semestre de 2011 estava previsto no projeto a realização de um passeio. Dentro das reuniões pedagógicas a equipe discutia qual local seria visitado; tínhamos três propostas: o Aquário Municipal de Santos, a cidade de Paranapiacaba e o Parque do Carmo. Houve uma ampla discussão sobre qual destas

propostas seria a mais viável. Os educadores se dividiam; alguns acreditavam que a proposta do Aquário ou de Paranapiacaba seria de difícil realização, visto a distância e quantidade de educandos. Defendiam a ideia de que eles estavam mais familiarizados ao Parque do Carmo (região próxima a Cidade Tiradentes), o que evitaria maiores alterações de comportamento. Outros educadores, no entanto, acreditavam na relação de confiança e no marco que seria aos educandos a visita a um lugar que lhes era completamente novo. Após diversas reuniões, definiu-se como destino o Aquário Municipal de Santos.

A partir daí, iniciamos um processo de produção para o passeio. Ligamos no Aquário para agendar a visita, conversamos com os familiares sobre a proposta, confeccionamos as autorizações, os crachás, etc.

Antes de sair da instituição, fizemos uma atividade com os educandos solicitando a eles que desenhassem o que esperavam ver no Aquário. A grande maioria nunca tinha ido a uma cidade litorânea. Em muitos desenhos, saiam imagens de tubarões, peixes e até baleias.

Fizemos também brincadeiras em roda, propostas pelo pedagogo que trabalhava conosco. Durante estes exercícios, era visível nas crianças o entusiasmo para o passeio.

No ônibus havia um ar de euforia, nós, educadores, também estávamos ansiosos para conhecer o local. Antes de chegar à Baixada Santista, pudemos ver também outras paisagens durante o percurso. Dentro do ônibus fizemos gincanas. Aproximando-se do Aquário, já se podia avistar o mar. Nesse momento, todos correram para a janela que dava preferência à vista, perguntando aos educadores se iriam entrar no mar.

No Aquário fomos recebidos por um monitor que nos falou sobre os animais marinhos, seus comportamentos, alimentação, etc. As crianças reagiam com interesse a todas as informações. A curiosidade era imensa. Tentavam ler os nomes científicos, apontavam para determinadas características que percebiam e comentavam tudo de forma muito entusiasmada. Na saída do Aquário, fomos para areia fazer um piquenique e uma pergunta ainda ecoava: “Vamos entrar na água?”. Tivemos uma pequena situação de conflito, pois os professores da EMEF não estavam de acordo com a ideia das crianças entrarem na água. Tentamos dialogar, porém disseram que, caso as crianças entrassem, a responsabilidade seria nossa.

Os educadores da instituição dialogaram a parte e rapidamente construímos uma estratégia para levar as crianças ao mar. Fizemos uma corrente humana e saímos em frente a elas, que estavam sendo observadas por outros educadores. A ideia inicial era de apenas molhar os pés, mas a empolgação e a relação estabelecida entre educadores e educandos permitiram que as crianças pudessem mergulhar em busca de conchas. Para a nossa surpresa, alguns já estavam com roupas de banho.

Era visível no olhar e no corpo de cada educando a felicidade e a alegria dentro d'água. Ficamos lá um bom tempo até que chegar o horário de retornar à instituição. Na volta, estávamos exaustos, com areia no corpo, roupas molhadas, e contentes pelo dia. Muitos educandos nunca tinham entrado no mar e isso fez com que fosse um momento muito especial para nós. Refletimos e lembramo-nos das reuniões e discussões nas quais alguns educadores se opunham a proposta de visitar o Aquário.

Além de reflexões discutimos sobre a importância da sensibilidade e flexibilidade do educador em determinadas situações, pois, facilmente, naquele dia poderíamos optar em não autorizar os educandos a entrar no mar - até porque não havíamos planejado -, porém a relação de confiança entre nós e os educandos se mostrou mais forte.

7. Sociedade de Ensino Profissionalizante e de Assistência Social - SEPAS

Participaram do processo formativo duas representantes do SEPAS, ambas assistentes técnicas: Elaine Cristina de Souza e Maria Jaqueline dos Santos. Cada uma delas registrou uma prática, descrita separadamente abaixo.

7.1. Centro para Crianças e Adolescentes Vila Itaim

Maria Jaqueline Santos

O CCA Vila Itaim está locado nas dependências da Paróquia São José Operário, situada na Rua Salinas de Mossoró - Vila Itaim - Jd. Romano, Distrito: Jd. Helena. Este núcleo pertence à Sociedade de Ensino Profissionalizante e de Assistência Social - SEPAS, uma organização social sem fins lucrativos fundada em 08 de dezembro de 1968 com o objetivo de atender a juventude da região, através de cursos profissionalizantes, e contando com a ajuda de voluntários. Em 29 de Dezembro de 1983 foi lavrado o primeiro termo de convênio com a Prefeitura Municipal de São Paulo.

Atualmente o CCA Vila Itaim aplica a *metodologia de projetos*, pensados a partir de conhecimentos e experiências da realidade local, visando a produção de mudanças significativas junto ao seu público, e promovendo a convivência e a participação social das crianças, adolescentes, suas famílias e membros nos processos de aprendizagem. Os projetos propiciam a construção de conhecimento mediada pela ação, estimulando o processo de aprender fazendo.

Serão apresentados aqui os registros da prática desenvolvida em um dos projetos da organização no período de abril a setembro de 2012, período correspondente às oficinas CASA7. As atividades foram realizadas pela educadora Adriana, com a minha participação em alguns momentos. As demais informações sobre o andamento das atividades derivam de rodas de conversa realizadas por mim com as crianças.

Projeto Meu bairro, Minha história

Objetivos

- ❖ Cartografar os lugares por onde as crianças passam, bem como os relacionamentos, interesses e sentimentos a eles associados.
- ❖ Estimular a percepção das crianças sobre o quanto as suas vidas estão implicadas com a vida do bairro.
- ❖ Motivar o grupo a melhorar algum aspecto do bairro por meio de uma intervenção direta.

Público, tempo e temas

Este projeto foi desenvolvido com as crianças da “sala 1”, que apresentam idade entre 6 e 11 anos, em três meses. Além disto, foi subdividido em três subtemas, listados abaixo. O desenvolvimento das atividades está a seguir organizado, segundo os mesmos temas.

- A. Meu bairro, minha história
- B. Recreação na Vila Itaim
- C. Meu bairro tem História

Desenvolvimento

A. Meu bairro, minha história

- a) Entrevista com moradores mais antigos do bairro

Primeiramente as crianças foram questionadas sobre o que elas queriam descobrir do bairro:

Qual o caminho que você realiza para chegar até o CCA? O que tem de interessante neste caminho? O que você vê todos os dias neste caminho?

Após alguns minutos pensando, o primeiro a se manifestar foi Guilherme, dizendo que havia se mudado e que agora estava fazendo um novo caminho, bem diferente do caminho que fazia quando morava na Rua Abacatuaja, pois agora via pessoas novas que ele ainda não conhecia, que passava pelo Hipermercado Sonda, pela estação de trem do Jardim Romano, e a lojinha da “vozinha” para comprar coxinha de frango. O menino observou que o Hipermercado é muito maior que a padaria do Chico (minimercado do bairro), que tem maiores variedades e quantidade de mercadorias, tem mais

funcionários e descobriu que algumas pessoas que eram seus vizinhos trabalhavam lá. Marcou como interessante a praça do ponto de ônibus que fica atrás da estação de trem, afirmando ser um bom lugar para brincar.

Gabriel falou que faz o caminho passando pela casa de Wesley, Beatriz e Lucas, pois assim vem acompanhado pelos colegas, passando pelos tubos do córrego, a rua das plantas de espinhos, identificadas por ele como plantas do norte (que na realidade são Palmas), observou que nesta rua tem muito cachorro.

Os colegas ressaltaram que duas ruas utilizadas deste trajeto se encontram em reformas, por isso param para ver o buraco que, segundo eles, parece com uma piscina. Mas a Thamires discordou falando que é muito grande e por isso parecia com o buraco do metro da Sé. Guilherme perguntou se ela já tinha visto metro na Vila Itaim, pois o assunto era a Vila Itaim e não a Sé, que o buraco era por conta das enchentes e então era um piscinão. A educadora chamou a atenção da turma para não perderem o rumo da conversa e não se agredirem com palavras ásperas.

Outras crianças relataram o lixo nas ruas derramado nas calçadas, pois as pessoas colocavam antes ou depois do caminhão de lixo passar e os cachorros rasgavam os sacos de lixo, deixando tudo espalhado na calçada.

Ao final, a educadora pediu para que todos observassem os nomes das ruas por onde passavam e para não se esquecerem de anotar em uma folha, que entregou. Além de observarem coisas novas que ainda não tinham percebido e o que poderia melhorar na Vila Itaim.

Ficando assim a proposta de atividade para o próximo dia.

- Registro de observação Maria Jaqueline junho de 2012

Após esta conversa, juntamente com os educadores, elaboraram um questionário para ser aplicado com moradores do bairro, com as seguintes perguntas:

- ❖ Como era o bairro há 20 anos?
- ❖ Como era a rotina dos moradores?
- ❖ O que melhorou no bairro?

Com o questionário elaborado e data agendada, saíram todos pelo bairro como repórteres, munidos de lápis e papel, rumo às residências dos entrevistados.

- b) Registro dos dados levantados por meio de desenhos

Ao retornarem das entrevistas, divididas em grupos, as crianças registraram na forma de desenho todas as histórias que ouviram, observando as diferenças na paisagem, como era antes e como é hoje. As crianças observaram muitas hortas, criação de galinhas e modos de vida que mais se assemelhavam ao estilo de vida do campo, ainda existentes hoje.



Imagem: arquivo SEPAS

c) Pesquisa na internet

As entrevistas não foram suficientes para responder e satisfazer a curiosidade das crianças, por isso a educadora solicitou ajuda da equipe do escritório da organização para empréstimo de notebooks e acesso a internet, que foram utilizados para a realização de uma pesquisa documental.

Com o material em mãos *foi uma festa*, cada um queria mostrar que já estava familiarizado com o mundo da informática mais do que o outro, sendo necessário novamente serem divididos em grupos.

Durante o tempo em que realizavam as pesquisas, encontraram documentários escritos e no formato de vídeos, observando as seguintes questões:

- História do bairro: quando o bairro foi criado?
- Por que tem esse nome?
- Como era quando foi criado?

Por fim, ao término da atividade registraram sua pesquisa em seus diários de bordo.

d) Exploração do território: caminhada e roda de conversa sobre pontos observados.

Para esta etapa a educadora contou com o meu auxílio, já que a caminhada no bairro foi um pouco longa, pois cada um queria mostrar para os outros colegas um ponto interessante.

Como melhorias ocorrentes foram apontadas pelas crianças: o comércio local e a nova estação de trem do bairro. Porém, os mesmos observaram a má conservação da limpeza das ruas e pichações presentes por todo o bairro.

Mas o ponto que mais gerou desconforto foi a visita à quadra da comunidade, que se apresenta, além de muito suja, *vitimizada* pelo vandalismo.

B. Recreação na Vila Itaim

Após a realização da caminhada pelo bairro ficou um questionamento na mente das educadoras: *Existe alguma área para a prática de esporte e lazer na Vila Itaim?* Questionaram também as crianças sobre os locais onde elas brincam. As crianças apontaram como locais as quadras das escolas, o CCA e as ruas do bairro.

Para responder a esta pergunta as educadoras saíram em busca de outros locais apropriados para a realização de atividades recreativas. Após muita caminhada encontraram uma pracinha que foi recém-inaugurada no bairro e dispõe de árvores, mesas para jogos de tabuleiros, balanças e escorregadores.

Por fim, foi realizado no espaço encontrado um piquenique com direito a tempo para brincar e conversar sobre a importância da preservação deste espaço.

C. Meu bairro tem História

Com os objetivos de conhecer a diversidade cultural do bairro, respeitar os povos e reconhecer a herança e patrimônio histórico foram realizadas as atividades abaixo:

- ❖ Visitas a casas de moradores para ouvir histórias sobre a infância

Nesta nova visita as crianças foram agraciadas com contações de histórias, experiências vividas na infância dos entrevistados.

- ❖ Empréstimo de objetos típicos encontrados nas casas visitadas.

Durante a roda de conversa, educadora e crianças observaram os objetos apontados pelos proprietários das casas como sendo vindos de determinadas regiões do território nacional, o que os levou a notar que em cada residência existia algum objeto que registrava a herança cultural que aquela família carregava. Em razão

disso, foi agendado um novo dia para visitar a residência, com a intenção de pedir os objetos emprestados para compor o arsenal da feira cultural.

❖ Criação de vitrines vivas e painéis com os mitos citados nas entrevistas

Com o auxílio da educadora, as crianças pesquisaram as lendas folclóricas que surgiram nas histórias contadas. Escreveram o fruto desta pesquisa e, para ilustrar, se fantasiaram, criando as vitrines vivas.

❖ Feira folclórica com a apresentação do resultado alcançado

A feira foi realizada no dia 22 de agosto de 2012. Foram convidados os familiares e membros da comunidade para apreciação dos resultados alcançados.

Aprendizagens

- *A importância de ampliar a rede de parceiros, para juntos alcançarmos melhorias para o bairro (limpeza e manutenção das quadras)*
- *Riqueza dos momentos nos quais os atores do território possam atuar e participar da vida do CCA*

7.2. Centro para Crianças e Adolescentes Parque Paulistano

Elaine Cristina de Souza

A Sociedade de Ensino Profissional e de Assistência Social - SEPAS atualmente mantém entre seus projetos o CCA Parque Paulistano, conveniado com a prefeitura, no qual atende 300 crianças de 06 a 14 anos e 11 meses com atividades sócio educativas. Sou responsável por acompanhar as atividades pedagógicas, o fortalecimento familiar e o vínculo com o território. O desafio tem sido o de dar uma resposta preventiva a uma realidade de violência e desafetos familiares, transformando esta realidade em bem estar, conduzindo nosso público a ser protagonista da sua própria história.

Projeto Meu bairro, Minha história

Durante a formação elaboramos um projeto de jornal e blog que tem como **objetivo geral** levar os jovens à reflexão sobre a função social da leitura e escrita. Além disto, tem como **objetivos específicos**: o fortalecimento das relações do trabalho em grupo; a interação entre educandos, educadores e funcionários; a divulgação do trabalho realizado pela instituição. Entre os **conteúdos** previamente levantados estão: comportamentos leitores e escritores pertinentes a cada gênero textual; aspectos linguísticos e discursivos da mídia impressa. Pretendíamos produzir um jornal mensal e divulgá-lo no blog. Tempo de duração: 5 meses.

O projeto foi realizado com educandos de 10 a 14 anos em conjunto com as educadoras responsáveis Rosângela e Érika

Desenvolvimento

A. Momento de orientação com as educadoras

No primeiro momento levei a ideia para as educadoras, que se mostraram interessadas pelo projeto. Uma delas comentou: “É uma maneira de trabalhar a leitura e escrita através da prática”. As educadoras e eu conversamos com os educandos sobre a ideia do jornal e blogs, alguns se mostraram empolgados dizendo que seria bacana entrevistar as pessoas.

B. Apresentação da proposta para os educandos / levantamento de conteúdos prévios

Os educandos sugeriram que iniciássemos com um mural e assim foi feito. Para o mural eles pesquisaram sobre: o que é imprensa? Como surgiu? Quais são os meios de comunicação? Confeccionaram o mural com recortes e pequenas frases, deixando exposto por uma semana para que todos tivessem acesso.

C. Roteiro de perguntas para os moradores

A educadora sugeriu que entrevistassem os moradores para saber o que eles acham do bairro, se houve progresso e quais foram. E juntos elaboraram as perguntas:

- ❖ Qual o seu nome?
- ❖ Qual a sua idade?
- ❖ Quanto tempo mora no bairro?
- ❖ O que você acha do bairro?

- ❖ Houve progressos?
- ❖ Quais são as problemáticas?

D. Saída a campo

Na semana seguinte, nos dividimos em pequenos grupos de três pessoas para a ida a campo.

A educanda Gabriela perguntou: qual a melhor maneira de entrevistar as pessoas? E o educando Guilherme respondeu: “Assim: boa tarde, eu sou fulano do CCA Parque Paulistano e gostaria de fazer algumas perguntas sobre o bairro, você pode me atender? E se a pessoa falar sim, a gente faz as perguntas”. Todos concordaram e saímos a campo.

Enquanto eles abordavam as pessoas, as educadoras e eu observávamos e percebemos que ficaram um pouco nervosos, no início mexiam as mãos e os pés, mas logo começaram a se sentir à vontade, trataram as pessoas com muita educação, pedindo autorização para entrevistar, cumprimentado com boa tarde e agradecendo ao final das entrevistas, chegando a receber elogios dos moradores.

Os alunos ficaram encantados ao descobrir uma senhora que mora no bairro há mais de 60 anos e queriam conversar mais com ela, porém o nosso tempo havia acabado, sugeriram então que agendássemos um dia para recebermos a mesma no nosso espaço.

E. Debate das descobertas

No dia seguinte realizamos um debate, onde demonstraram estar entusiasmados, queriam falar ao mesmo tempo. Questionaram por que alguns moradores citavam muitos progressos e outros não, pois uns citaram a importância do comércio, dos bancos, do AMA das escolas das CEIs que surgiram nos últimos anos, e outros diziam que quase nada mudou, enfatizando o aumento da violência do tráfico de drogas. A unanimidade entre os moradores foi a falta de lazer.

Avaliação

Os educandos avaliaram este momento como muito interessante, pois tiveram a oportunidade de interagir com os moradores, de fazer descobertas e de vencer a vergonha.

Observamos que durante este processo houve uma integração entre o grupo de educandos e entre eles e as educadoras. Outro aspecto observável foram as dificuldades de escrita, mas mesmo assim os jovens não deixaram de responder o questionário. Tivemos dificuldades de entender algumas palavras, mas como estava recente diziam e os colegas alfabetizados transcreviam.

Os desafios e as aprendizagens

A partir deste momento tivemos muitos imprevistos e dificuldades para cumprir os prazos das atividades já planejadas anteriormente, pois trabalhamos com temas geradores, onde todo mês desenvolvemos um tema como, por exemplo, Mês de Agosto: Figura paterna e tivemos que preparar as lembranças (oficina de artesanato), organizar o evento da partida de futebol entre pais/Cuidador x filhos. Trabalhamos também com cronograma, cada turma tem o seu dia de lazer (esporte), filmes, oficinas e atividades em sala. No entanto, quando iniciamos o projeto do jornal e blog não nos atentamos ao cronograma e as atividades anteriormente propostas.

Em uma conversa com os educandos eles sugeriram que realizássemos o projeto do jornal e blog no próximo ano, já incluindo no cronograma.

Na reunião pedagógica as educadoras e eu conversamos sobre o projeto e percebemos a importância de fazer um planejamento, pensar nas atividades já desenvolvidas.

Durante todo este processo percebi a importância de refletir sobre a nossa prática, não atribuindo juízo de valores, qualificando nossa prática e atribuindo sentido ao nosso trabalho.

8. União Social Brasil Gigante

8.1. Projeto de Profissionalização

Marluce de Souza Pereira

Contexto

O Serviço de Medida Socioeducativa em meio aberto “Abraço Amigo” atende adolescentes e jovens em cumprimento de Medida Socioeducativa de Liberdade Assistida (LA) e Prestação de Serviço a Comunidade (PSC).

Atuo como educadora nesta organização e durante certo período observei e registrei algumas atividades com o objetivo de refletir sobre minha prática cotidiana junto aos jovens e familiares atendidos e de destacar aprendizagens que podem ser úteis para outros profissionais com atuação similar à minha.

Profissionalização

Escolhi como objeto do processo de reflexão e registro uma sequência didática do projeto de PROFISSIONALIZAÇÃO, que foi desenvolvido com adolescentes/jovens de 16 a 21 anos e seus familiares, no qual atuei como educadora.

O objetivo do projeto foi conhecer os adolescentes, suas aspirações e prepará-los para o mercado de trabalho, ampliando a proposta para os familiares que estão fora em busca de uma nova recolocação profissional.

A primeira atividade do processo de sistematização foi planejar este trabalho, descrevendo assim a prática que seria sistematizada. A sequência didática foi planejada para acontecer em três etapas, cada uma delas representando um encontro com os jovens e familiares:

- (1) Apresentação do CEAT
- (2) Palestra com a equipe da organização
- (3) Cadastro de currículos pela internet / balcão de dúvidas

Essas três etapas foram por mim registradas e incluo aqui os registros e reflexões que esta prática me proporcionou.

Desenvolvimento

Primeira etapa

A primeira etapa realizada foi uma oficina com a equipe do CEAT (Centro de Apoio ao Trabalhador). Esta etapa tinha como objetivo esclarecer dúvidas sobre o tema “Mercado de Trabalho”, confeccionar carteira de trabalho, proceder com o preenchimento de ficha de emprego e encaminhamentos para vagas de emprego.

A equipe do CEAT apresentou, numa fala sucinta, o trabalho que desenvolvem, ressaltando a possibilidade dos jovens procurarem o serviço para encaminhamento a empresas e oferecendo orientações em relação aos preparos para uma entrevista de emprego. Notei que os participantes não manifestaram dúvidas nem comentários a respeito, o que considerei um indicativo de que os jovens não estavam preparados para receber tais orientações e/ou poderiam não estar interessados no assunto.

Após a apresentação inicial, a equipe do CEAT passou à atividade de preenchimento de fichas de cadastro. Neste momento, percebi que o grupo ficou meio dividido, alguns jovens foram pegar a ficha e outros disseram que não queriam preencher o cadastro. Perguntei ao grupo quem deles estavam procurando emprego, a maioria respondeu que sim, então eu reforcei o convite para o preenchimento da ficha. Imaginei, então, que alguns adolescentes estavam com dificuldade de preencher a ficha e por isso não manifestaram interesse em fazer o cadastro. Em acordo com os técnicos, nos dividimos para ajudar ou até mesmo preencher a ficha para aqueles que disseram que não queriam. Quando nos oferecemos para preencher a ficha todos aceitaram fazer o cadastro. Um dos adolescentes se levantou e foi tirar a Carteira de Trabalho. No preenchimento das fichas percebi que havia informações que dificultavam o entendimento, mas nenhuma pessoa se manifestou a respeito. Achei prudente dividir as dúvidas com os demais e perguntei à técnica do CEAT como deveria preencher aquelas questões. Assim, fomos elucidando as minhas dúvidas e outros técnicos e participantes apresentaram também suas dúvidas à técnica.

Após o preenchimento das fichas, foram apresentadas as vagas no perfil dos participantes e os mesmos foram orientados a procurar o CEAT na segunda-feira próxima para retirar carta de encaminhamento. Neste momento o grupo fez anotações e tirou dúvidas sobre as vagas apresentadas.

Por fim, o técnico Sergio apresentou as vagas de cursos nos parceiros da região de Itaquerá. Fechamos o grupo com um café onde algumas pessoas continuaram tirando dúvidas com os técnicos do MSE e os profissionais do CEAT.

Segunda etapa

A segunda etapa foi realizada com uma palestra com os técnicos da própria organização abordando os seguintes temas: entrevista de emprego, elaboração de currículo, caso de sucesso (uma experiência verídica de um jovem que conseguiu seu primeiro emprego e hoje está em uma posição importante dentro da empresa), indicação de locais para vagas de emprego e indicação de cursos profissionalizantes e de qualificação profissional.

Neste encontro, que foi planejado para ser uma continuação do encontro anterior, estavam presentes 25 pessoas, mas não incluía ninguém que estivesse no encontro anterior. Assim, o técnico responsável pela atividade falou sobre o encontro do mês anterior e continuou apresentando a proposta de trabalho. Os participantes não fizeram nenhuma pergunta neste momento, alguns adolescentes saíram do grupo e foram para a recepção da casa. Destes, alguns voltaram e outros não. Tais acontecimentos me levaram a considerar que a participação dos jovens estava aquém das nossas expectativas.

Em seguida, outro técnico apresentou aos participantes dicas de como se portar em uma entrevista de emprego. Em nenhum momento houve a participação dos presentes, não fizeram nenhum tipo de pergunta.

No passo seguinte, outro técnico falou sobre currículo e novamente não instigou a participação ou perguntas dos participantes, que ficaram somente como ouvintes, não oferecendo nenhum feedback verbalmente.

Na sequência, outro técnico falou sobre um caso de sucesso, o caso de um jovem que iniciou em uma empresa em um cargo baixo e foi subindo de cargos na empresa até se tornar gerente. Após as apresentações, demos uma pausa para o café e todos participaram ativamente. Após o café, a maior parte dos adolescentes já havia saído da sala, não ocorreu nenhuma aproximação entre os participantes e novamente só ficaram com ouvintes.

No decorrer das apresentações feitas neste encontro, fui percebendo que a forma escolhida de apresentação dos conteúdos não favorecia a aproximação dos participantes. Notei que os jovens não estavam participando da forma como imaginávamos que fariam, mas observei que a abordagem que estávamos utilizando não despertou o interesse deles.

Para continuar o trabalho apresentei os locais onde os participantes poderiam ir à procura de emprego. Fui perguntado aos participantes quem nunca tinha trabalhado e depois falei sobre o primeiro emprego e como sair em busca. O público estava cada vez menor.

Para finalizar, outro técnico apresentou as vagas de cursos profissionalizantes e de qualificação profissional. Em nenhum momento os participantes anotaram endereços ou informações passadas. Propusemos aos participantes que, caso tivessem interesse em algum curso ou encaminhamentos de vagas de emprego, procurassem os técnicos na recepção, que iríamos orientá-los individualmente, pois tínhamos recebido o CEAT uma lista das vagas disponíveis. Não fomos procurados por nenhum participante.

Terceira etapa (prevista)

Na terceira etapa será disponibilizado aos adolescentes e jovens um balcão de informações, no qual eles poderão sanar dúvidas sobre qualquer assunto pertinente ao mercado de trabalho, além de disponibilizar um computador com internet para que possam fazer cadastros em empresas, encaminhar currículos e imprimi-los. Sempre com orientação dos técnicos se necessário.

Aprendizagens

Durante este trabalho sugiram muitas inquietações sobre minha atuação, a atuação de meus colegas e do Serviço “Abraço Amigo”. Percebi o quanto estávamos trabalhando orientados por nossas expectativas e não pelas dos adolescentes/jovens que atendemos. Questionei-me sobre o quanto ditamos o que é importante para o outro, o que é politicamente correto, sem conhecer profundamente o que de fato o outro quer, precisa e a realidade em que está inserido.

Como nosso público é rotativo certamente trabalharemos novamente esta questão da empregabilidade em outro momento, estou certa de que nas próximas atividades pensaremos em outras estratégias para atingir os objetivos esperados. Penso em um planejamento diferente, mas com a ressalva de que não será o mesmo público, mas se fosse um grupo neste mesmo formato eu seguiria as seguintes etapas de desenvolvimento:

- (1) Começaria com um diagnóstico do grupo, para conhecer os jovens*
- (2) Levantaria suas expectativas e sonhos seus currículos*
- (4) Levaria os jovens até os serviços públicos de apoio ao ingresso no mercado de trabalho (Poupatempo, CEAT, CAT)*
- (5) Organizaria plantões de dúvidas com computadores disponíveis para pesquisas, cadastramentos e afins com a orientação de um técnico.*

8.2. Projeto de atendimento em espaços diferenciados

Renata Patrícia Alves Santana

Como foco do processo de sistematização das Oficinas CASA7, escolhemos uma sequência didática do projeto de atendimentos em espaços diferenciados, que foi desenvolvido com adolescentes e jovem de 13 a 21 anos e no qual atuei como Técnica.

Contexto

O Serviço de Medida Socioeducativa em Meio Aberto “MSE- MA -Abraço Amigo” faz parte da ONG União Social Brasil Gigante. Realizamos atendimento para 120 adolescentes e jovens entre 13 e 21 anos, encaminhados pelo poder judiciário por terem cometido ato infracional. Eles cumprem medidas sócio-educativas de Liberdade Assistida (LA) e/ou Prestação de Serviço à Comunidade (PSC), por prazo determinado pelo poder judiciário. O MSE - Abraço Amigo está localizado na Av. Maria Luiza Americano, 409 - Pq Do Carmo - Itaquera - SP.

Os adolescentes/jovens atendidos residem próximo ao serviço nos bairros de Itaquera, Parque Do Carmo, Vila Carmosina, Cidade Líder, Parque Savoy City. São adolescentes que possuem sonhos, desejos, medos e, principalmente, disposição e energia, alguns vivem um vazio de expectativas e desesperança, bem como falta de vontade. Apresentam conflitos familiares com seus pais e a grande maioria vive sob a responsabilidade da mãe.

Eles vivem em um ambiente de alta vulnerabilidade social, no qual o comportamento “natural” é uso de drogas ou o envolvimento com o tráfico de drogas. A grande maioria possui baixa escolarização, não tem acesso à cultura e lazer de qualidade.

O Serviço funciona de segunda à sexta-feira, das 8h às 17h00 e os adolescentes/jovens em LA/PSC são atendidos uma vez por semana ou a cada 15 dias. Esses atendimentos são chamados de individuais e são realizados por um profissional técnico da equipe multidisciplinar da qual eu faço parte como Psicóloga. A equipe possui oito técnicos formados em Serviço Social, Pedagogia, Ciências Sociais e Psicologia.

Este projeto surgiu a partir de uma reflexão da equipe técnica de ampliar o atendimento individual para outros espaços dentro da instituição. Baseados nos princípios da pedagogia de Frenet que se utilizava de aulas passeios para motivar e ensinar seus alunos. Valemos-nos deste mesmo método, com o objetivo de realizar atendimento de medida sócio-educativa que promovesse autonomia e sentimento de pertença em espaços diferenciados fora da instituição como, por exemplo, em espaços culturais, de lazer e esporte. Assim, buscamos trabalhar também a proposta educativa do Professor Antonio Carlos Gomes da Costa, que trata da importância de estimular as quatro dimensões do ser humano (bio-física/afetiva/racional/transcendental) e gerar, assim, novos aprendizados, facilitar o fortalecimento de vínculos entre o técnico e adolescente em ambientes que rompem com qualquer possibilidade de opressão e dominação.

Os atendimentos acontecem, em sua grande maioria, dentro do serviço MSE Abraço Amigo, em salas que comportam no máximo três pessoas. A nosso ver, os atendimentos a adolescentes e jovens infratores em cumprimento de medida socioeducativa em salas fechadas, embora, em alguns momentos, sejam importantes, reproduzem em demasia o cotidiano de dominação ao qual estão inseridos historicamente. Isso, devido à relação de poder hierárquico que se estabelece no espaço das salas de atendimento individual, no qual a mesa que separa o adolescente e o técnico acaba se tornando uma fronteira, impossibilitando o diálogo. O técnico por muitas vezes é visto, pelo adolescente, como um juiz e se sente intimidado em falar o que realmente pensa e vivencia.

Descrição da prática

A primeira tarefa foi planejar este trabalho, descrevendo assim a prática que seria sistematizada (tabela anexa). A sequência didática foi planejada para acontecer em três etapas, cada uma delas representando um encontro com os jovens:

- (1) Visita à biblioteca Municipal Milton Santos
- (2) Sessão de Cinema sócio-educativo
- (3) Passeio no SESC Itaquera

Registros

(1) Visita a biblioteca Municipal Milton Santos

A visita, que teve por objetivo promover o acesso a cultura e a leitura, contou com a presença de 6 adolescentes. Os adolescentes conheceram a biblioteca, leram livros e trocaram experiências. Alguns participantes relataram que não conheciam a biblioteca e que gostaram de conhecê-la.

(2) Sessão de Cinema sócio-educativo

Na segunda visita realizada, tivemos a participação de 25 pessoas entre os adolescentes atendidos, seus pais e amigos. O Filme escolhido teve por objetivo abordar o tema da drogadição de um adolescente e sua relação com sua família. O filme iniciou e pude observar que os adolescentes estavam atentos ao que se passava e de acordo com o que era exibido apresentavam algumas reações, alguns sorriam outros não, alguns conversavam entre si. Ao final do filme, entregamos o vale transporte aos adolescentes e ouvimos seus comentários e sugestões sobre os filmes que gostariam de ver nas próximas sessões.

(3) Passeio no SESC Itaquera

Na terceira visita, realizada no SESC -Itaquera, participaram 09 adolescentes e montamos um time de futebol. O time jogou duas vezes por 30 minutos em cada partida ganhou o primeiro jogo de 3 a 2 e o segundo jogo perdeu por 2 a 1. Ao final do jogo, realizamos uma caminhada pelo SESC até o estacionamento onde foi entregue o vale transporte de cada adolescente, para que retornassem as suas casas e o lanche. Em seguida, realizamos o momento de avaliação do evento e em uma palavra os adolescentes disseram o que acharam do dia alguns participantes disseram “DIVERSÃO”, “LAZER”, “LEGAL”, “BOM”, “COMPETIÇÃO”, “ALEGRIA”, “QUERO MAIS”, “VAMOS VOLTAR QUANDO”, “MUITO BOM”, “LEGAL”. Em seguida nos despedimos dos adolescentes.

Reflexões e aprendizagens

Realizei os registros de cada atividade em espaços diferenciados e eles me fizeram refletir sobre a minha prática cotidiana junto aos adolescentes/jovens como os quais atuo. Assim, procuro aqui destacar aprendizagens que me foram úteis e que podem ser úteis para outros educadores com atuação similar.

A realização dos atendimentos em espaços diferenciados cumpriu com seu objetivo inicial, pois os adolescentes conheceram uma biblioteca, uma sala de cinema e praticaram esportes e nos demais atendimentos sempre nos cobravam quando poderão ir de novo conosco a esses locais. Também favoreceu o vínculo entre técnico e adolescente, aproximando não só os técnicos de seus, como também dos demais adolescentes.

A despeito dos objetivos cumpridos, analisando as atividades acredito que poderíamos ter feito de outra forma: em primeiro lugar, devíamos ter ouvido dos adolescentes quais locais no bairro e redondezas eles não conheciam e após mapear esses locais, sistematizar, incluindo essas visitas mensalmente no planejamento pedagógico, diferente do que ocorreu nessas atividades que aconteciam quando havia tempo livre no cronograma mensal. As visitas ocorreram apenas em alguns meses, pois não eram valorizadas na organização como importantes, mais sim como uma atividade de lazer apenas. Acredito que sentimos dificuldade de avaliar o trabalho realizado, pois não elaboramos ferramentas ou indicadores de avaliação, de modo que atividade se esgotou na própria atividade.

Durante os nossos atendimentos individuais em espaços diferenciados foi possível perceber que os adolescentes/jovens se expressaram de forma mais livre e dialogaram com facilidade, não só sobre si mesmos, como também, sobre outros assuntos. Isto, por sua vez, ampliou o olhar do técnico para com o seu adolescente e fortaleceu o vínculo entre ambos. Além disso, possibilitou uma nova interação social entre o adolescente/jovem e a equipe técnica, de modo diferente do que acontece no modelo de atendimento individual (sala de atendimento fechada), mencionado anteriormente. Essa mudança promovida pelos atendimentos em espaços diferenciados foi muito gratificante, pois impactou também no fortalecimento do relacionamento entre técnico e adolescente na própria sala convencional de atendimento individual.

Durante este trabalho me surgiram questões importantes sobre a participação e adesão dos jovens e sua relação com a qualidade da interação educador-educando. Questionei-me se poderíamos ter feito algo melhor que promovesse a adesão de um número maior de adolescentes, uma vez que atendemos 140 adolescentes aproximadamente. Ao refletir sobre os caminhos que escolhemos para atingir os objetivos pretendidos, penso que há algumas coisas que faria diferente num novo processo deste tipo. Planejaria as etapas de desenvolvimento da seguinte forma:

(1) Ouviria os adolescentes sobre quais locais no bairro eles não conheciam e quais eles frequentam, a fim de fazer um diagnóstico. Criando em grupo um mapa dos espaços culturais e de lazer e esporte que conhecem em seu bairro.

(2) Levantaria suas expectativas e interesses através de dinâmicas de grupo

(3) Realizaria com os adolescentes o planejamento de cada visita e pesquisa previa sobre o local e sua historia.

(4) Utilizaria um Diário de Bordo, por meio de caderno ou blog, para que cada adolescente pudesse escrever o que achou da visita pedagógica.

(5) Organizaria ferramentas para avaliar cada visita a fim de melhorar o planejamento.

ANEXO I - PLANEJAMENTO para oficina

UNIÃO SOCIAL BRASIL GIGANTE - MSE "ABRAÇO AMIGO"	
ÁREA: <i>Atendimentos - 03 encontros</i>	
Educadora: Renata Patricia Alves Santana	Público - Adolescentes e jovens de 13 a 21 anos
OBJETIVO GERAL	Realizar atendimento de medida sócio-educativa que promovam autonomia e sentimento de pertença em <i>espaços diferenciados</i> como culturais, de lazer e esporte possibilitando novos aprendizados.

Data	Duração	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS DE ENSINO	RECURSOS DIDÁTICOS	CRITÉRIOS /INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO	RESULTADOS ESPERADOS
16/03/2012	2 horas	Apresentação da biblioteca do bairro Milton Santos	Visita à biblioteca Milton Santos	Livros, gibis, revistas	Levantamento de quem já conhecia a biblioteca. Quem tem o hábito e o que gosta de ler	Que os adolescentes conheçam a biblioteca Possam se motivar a ir à biblioteca ler.
30/03/2012	3 horas	Cinema - filme Bicho de sete cabeças - trabalhar o tema drogas e família	Filme	Recursos audiovisuais da Sala de cinema	Observar o comportamento dos adolescentes e familiares Ouvir no final suas sugestões de filmes	Fortalecer o diálogo entre pais e filhos e o acesso a cultura e informação.
30/05/2012	2 horas	Esporte e lazer	Visita ao Sesc Itaquera	Bola, jogo de camisas, apito	Participação dos adolescentes Ouvir o que eles acharam da atividade	Que os adolescentes possam conhecer e passar a usar o SESC

9. Nova União da Arte (NUA)

Maria José Coutinho

Contexto

O Instituto Nova União da Arte (NUA) está situado na Zona Leste de São Paulo. Uma região de classe baixa, urbanizada há cinco anos e com mais de 40 mil famílias. Por acreditar na importância da educação por meio da arte, o instituto NUA criou vários projetos beneficiando a comunidade, onde as crianças e adolescentes expressam o desejo de brincar - brincadeira transformada pelos educadores em linguagens das artes como: pintura, teatro, cinema, dança e cartografia. Todos os projetos que o instituto NUA desenvolve para a criança e o adolescente tem o propósito de formar jovens cidadãos críticos, conscientes e contribuintes na transformação da realidade à sua volta.

A Cartografia

Dentro da cartografia as crianças e adolescentes são levadas a conhecer o bairro através do mapa da cidade e procuram, pelo conhecimento, traçar novas linhas para a localização de alguns pontos do bairro e seu entorno.

Aprendizagem

Chegar um lugar desconhecido utilizando um mapa ou abrir o guia de ruas para traçar um bom caminho é uma tortura para muita gente. Embora essas ações pareçam banais, realizá-las com desenvoltura envolve uma série de conhecimentos que só são adquiridos num processo de alfabetização diferente. Não envolve letras, palavras ou pontuação, mas linhas, cores e formas. É a aprendizagem da linguagem cartográfica.

Dentro do Projeto de CCA os educadores criaram a cartografia para informar a criança e o adolescente por meio de um conjunto harmonioso de símbolos, letras e cores de forma de modo a que a mensagem seja entendida com facilidade: todo o contexto do bairro como ruas, avenidas, becos, vielas etc.

A descrição da prática

O primeiro momento foi planejar o trabalho de cartografia. Os educadores começaram a perguntar os nomes de ruas e avenidas do bairro para as crianças e adolescentes e, partindo de seus conhecimentos, a proposta foi conhecer um mapa e descobrir as linhas, cores e símbolos existentes no mesmo e o seu significado. Após isso foi dada a atividade, em grupo, para o estudo sobre o mapa do bairro onde estão inseridos. Posteriormente o estudo foi ampliado para o mapa da cidade de São Paulo, do Brasil e do mundo. Foi discutido que os mapas cartográficos auxiliam na agricultura, previsão do tempo, construção de rodovias, aviação, planejamento ambiental e em vários sistemas de orientação que usamos no dia a dia. Esta ciência também é muito importante para o estudo de diversas áreas da Geografia.

Etapas de desenvolvimento

Primeira etapa: identificar o espaço

Para analisar o conhecimento da criança e do adolescente a respeito do tema, foram oferecidos alguns materiais como revistas, jornais, livros de geografia e mapas para que os mesmos pudessem identificar, ler, interpretar e apresentar espaços físicos conhecidos como a escola, posto de saúde e o bairro. Os educandos recortaram imagens que consideravam semelhantes à determinados trechos da região e coloram em uma folha sulfite de forma que aos poucos fossem criando um mapa partindo da sua observação.

Segunda etapa: Brincadeiras / Vencer e Perder

Continuando com a atividade os educadores propuseram para as crianças e adolescentes brincadeiras relacionadas à cartografia como a descoberta da mina por meio de mapa com desenhos que levasse até o destino final. Esta brincadeira mostrou a importância de vencer e perder, sinalizando-lhes o ensinamento da competitividade e disputa do conhecimento com lealdade sem prejudicar o próximo. Também foram desafiados a problematizar, pesquisar, refletir e solucionar os problemas.

Terceira etapa: identificar-se no espaço

Foram entregues às crianças e adolescentes pedaços de giz e pedido para que desenhassem no chão o percurso percorrido entre sua casa até o CCA. Cada um, na sua peculiaridade, relatou o caminho que faz em forma de mapa (traços). Descobriram, por meio da atividade, que algumas ruas carecem de cuidados como: limpar o lixo, o córrego e que alguns terrenos precisam ser carpidos e mesmo cercados para que as pessoas não utilizem

o espaço para uso de coisas indevidas. Esta atividade, como as outras, proporcionou o reconhecimento da comunidade na qual estão inseridos.

Quarta etapa: Observação

Antes foi realizada uma roda de conversa e depois saíram para observar a região, levando folhas e lápis para anotação necessária. Os educadores e os educandos perceberam a problemática do bairro que é a grande quantidade de lixo existente nas ruas, nos córregos e terrenos abandonados. Aproveitando o momento, os educadores falaram sobre o lixo e o problema que o mesmo ocasiona para o meio ambiente. Todos ficaram atentos sobre essa questão e desenharam sobre o que viram na sua comunidade. Também, sobre essa observação, formou-se uma discussão sobre a consequência que o lixo traz para a vida das pessoas e como ajudar a conscientizar a comunidade a colocar o lixo no lixo.

Quinta etapa: Melhorias

Após o registro de observação as crianças, os adolescentes e os educadores conversaram sobre os pontos positivos e negativos da região. Um dos educandos comenta que seu pai está ajudando na construção de um parque, logo outros educandos falaram a respeito desse parque e que a comunidade tem participado ativamente da sua construção. Este parque ficará a uma quadra da instituição, o que favorecerá o lazer das crianças e dos adolescentes do CCA.

Os educandos foram separados em dois grupos e saíram para observar o trabalho da comunidade no parque. Todos refletiram sobre o fazer a diferença, pois se cada um fizer a sua parte na região, mesmo que pareça pequeno o resultado, com o tempo aparecerá.

Foi registrado um momento no qual a comunidade participa da construção do parque.



Aprendizagens

Eu, Maria José, acompanhei as crianças e adolescentes nessas atividades e pude observar o quanto elas se sentem importantes fazendo parte de um trabalho que os levam a pensar como resolver essa situação.

Claro que essa atividade será feita sempre e tenho certeza que cada vez que a desenvolver, sempre terá um resultado positivo, diferente da primeira ou segunda vez. Os olhares se ampliam e as crianças e adolescentes, dentro do bairro, têm muito material para trabalhar e descobrir, juntamente com os educadores, formas de poder ajudar a melhorar a comunidade. Este trabalho, com certeza, terá um grande significado em suas vidas, porque estamos os direcionando a praticar o exercício da cidadania.



Oficina Sistematização 4

Equipe formação CASA7

Cristina Meirelles
Marcia Thomazinho

Apoio

Gleide Morais